

ZADIE SMITH

NW

Tradução
Sara Grünhagen

Copyright © 2012 by Zadie Smith
Proibida a venda em Portugal

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
NW

Capa
Marcos Kothlar

Preparação
Lígia Azevedo

Revisão
Angela das Neves
Luciana Baraldi

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Smith, Zadie
NW / Zadie Smith ; tradução Sara Grünhagen. — 1ª ed. — São
Paulo : Companhia das Letras, 2014.

Título original: NW
ISBN 978-85-359-2417-2

1. Ficção inglesa I. Título.

14-02274

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura inglesa 823

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

1.

O sol gordo demora-se nas torres de celular. Tinta antiescalada revela-se sulfurosa em portões de escola e postes de luz. Em Willesden as pessoas andam descalças, as ruas tornam-se europeias, há uma mania de comer fora. Ela mantém-se na sombra. Ruiva. No rádio: eu sou a única autora do dicionário que me define. Uma boa frase — escreva-a no verso de uma revista. Numa rede, no jardim de um apartamento-porão. Cercado, por todos os lados.

Quatro jardins adiante, no conjunto habitacional, uma garota triste no terceiro andar grita para ninguém em bom inglês. Sacada de Julieta, projetando-se por milhas. Não é bem assim. Não, não é bem assim. Nem comece. Cigarro na mão. Corpulenta, vermelho-lagosta.

Eu sou a única

Eu sou a única autora

Lápis não deixa marca em folha de revista. Ela leu em algum lugar que papel brilhante dá câncer. Todo mundo sabe que não deveria estar tão quente. Flor murcha e maçãzinhas amargas. Pássaros cantando as melodias erradas nas árvores erradas cedo demais no ano. Nem comece com essa porra! Olhe: a pança queimada da garota descansa na grade. Eis o que Michel gosta de dizer: nem todo mundo pode ser convidado para a festa. Não neste século.

Opinião cruel — ela não compartilha dela. Nem tudo no casamento é compartilhado. Sol amarelo alto no céu. Cruz azul numa haste branca, clara, definitiva. O que fazer? Michel está no trabalho. Ele ainda está no trabalho.

Eu sou a

a única

Cinza cai no jardim abaixo, depois vem a bituca, depois o maço. Mais alto que os pássaros e os trens e o trânsito. Único sinal de sanidade: um minúsculo dispositivo enfiado no ouvido dela. Eu disse pra ele parar de tomar liberdades. Cadê o meu cheque? E ela fica me enchendo o saco com besteira. Maldita liberdade.

Eu sou a única. A única. A única

Ela abre a mão, deixa o lápis rolar. Toma a sua liberdade. Nada mais pra escutar além dessa maldita garota. Pelo menos de olhos fechados há outra coisa pra ver. Manchas pretas viscosas. Percevejos aquáticos se lançando, ziguzagueando. Zigue. Zague. Rio vermelho? Lago de lava no inferno? As pontas da rede. Os papéis tombam no chão. Eventos mundiais e propriedade e filme e música caem na grama. E também esporte e as breves descrições dos mortos.

2.

Campainha! Ela vai descalça pela grama aos tropeções, aconchegada pelo sol, sonolenta. A porta dos fundos dá para uma cozinha pequena, brilhantemente azulejada segundo o gosto de um antigo inquilino. A campainha não está sendo tocada. Está sendo esmagada.

No vidro texturizado, um corpo, embaçado. Junção errada de pixels pra ser Michel. Entre seu corpo e a porta, o assoalho do hall de entrada, dourado pelo sol refletido. Este hall só pode levar a coisas boas. E, no entanto, uma mulher está gritando POR FAVOR e chorando. Uma mulher esmurra a porta da frente. Puxando a trava pro lado, ela descobre que ela para na metade, a corrente puxa com força, e uma mão pequena entra voando pela brecha.

— POR FAVOR — ah meu Deus me ajude —, por favor, minha senhora, eu moro aqui — eu moro logo ali, por favor, meu Deus — confere, por favor...

Unhas sujas. Estendendo uma conta de gás? De telefone? Empurrada pela abertura, depois da corrente, tão perto que ela precisa dar um passo para trás para focar no que está sendo mostrado. *Ridley Avenue, número trinta e sete* — uma rua na esquina com a sua. Isso é tudo o que ela lê. Ela tem uma rápida visão de como seria se Michel estivesse aqui, examinando a janela de

plástico do envelope, conferindo as credenciais. Michel está no trabalho. Ela solta a corrente.

Os joelhos da estranha cedem, ela cai para a frente, tombando. Garota ou mulher? Elas têm a mesma idade, trinta anos, trinta e poucos anos, por aí. Lágrimas fazem estremecer o pequeno corpo da estranha. Ela agarra suas roupas e geme. Mulher implorando testemunhas ao público. Mulher numa zona de guerra parada em meio aos escombros de sua casa.

— Você está machucada?

Ela está com as mãos no cabelo. Sua cabeça choca-se com o batente da porta.

— Não, eu não, minha mãe — eu preciso de ajuda. Já bati em todas as malditas portas — por favor. Shar — meu nome é Shar. Sou daqui. Moro aqui. Confere!

— Entre. Por favor. Sou Leah.

Leah é tão fiel no seu compromisso com estes cinco quilômetros quadrados da cidade quanto outras pessoas são com suas famílias ou seus países. Ela sabe como as pessoas falam por aqui, aquele *maldito*, aqui, é só um compasso numa frase. Ela harmoniza seu rosto de modo a expressar compaixão. Shar fecha os olhos, assente. Ela faz movimentos rápidos com a boca, inaudíveis, falando consigo mesma. Para Leah ela diz

— Você é tão boa.

O diafragma de Shar sobe e desce, mais devagar agora. As lágrimas de estremecer desaceleram.

— Obrigada, viu? Você é tão boa.

As pequenas mãos de Shar agarram as mãos que a apoiam. Shar é minúscula. Sua pele é seca e fina como papel, com manchas de psoríase na testa e no queixo. O rosto é familiar. Leah já viu esse rosto muitas vezes nestas ruas. Uma peculiaridade das regiões de Londres: rostos sem nomes. Os olhos são memoráveis, o branco ao redor do castanho-escuro é bem visível, acima e abaixo. Um ar de avidez, de consumir o que ela vê. Cílios longos. Bebês são assim. Leah sorri. O sorriso oferecido em troca é vazio, sem reconhecimento. Docemente torto. Leah é apenas a boa estranha que abriu a porta e não a fechou. Shar repete: você é tão boa, você é tão boa — até que o fio de prazer que atravessa aquela frase (é claro que há um pequeno prazer para Leah) se rompe. Leah balança a cabeça. Não, não, não, não.

Leah conduz Shar até a cozinha. Mãos grandes nos ombros estreitos da garota. Ela observa o traseiro de Shar empinar e encostar na calça de moletom de cintura baixa, a entradinha com penugem nas costas, bem marcada, suada com o calor. A minúscula cintura abrindo-se em curvas. Leah não tem bunda, é desengonçada feito um garoto. Talvez Shar precise de dinheiro. Suas roupas não estão limpas. Há um rasgo grande no feio tecido atrás do joelho direito. Calcanhares sujos erguem-se em chinelos se desintegrando. Ela fede.

— Ataque cardíaco! Perguntei pra eles ela tá morrendo? Ela tá morrendo? Ela tá morrendo? Ela entrou na ambulância — ninguém me respondeu nada é claro! Tenho três filhos sozinho em casa né — eu preciso ir pro hospital — por que eles ficam falando de carro? Num tenho carro! Eu disse *me ajudem* — ninguém mexeu um maldito dedo pra me ajudar.

Leah pega Shar pela cintura, faz com que ela se sente numa cadeira da mesa da cozinha e lhe estende um rolo de papel-toalha. Ela coloca as mãos nos ombros de Shar mais uma vez. A testa delas está a centímetros de distância.

— Entendo, está tudo bem. Qual hospital?

— Tipo... não escrevi o nome... Em Middlesex ou — Mas é longe. Não sei bem qual é.

Leah aperta as mãos de Shar.

— Olha, eu não dirijo, mas...

Confere seu relógio. Dez pras cinco.

— Se você esperar, talvez vinte minutos? Se eu ligar pra ele agora, ele pode — ou talvez um táxi...

Shar puxa as mãos das mãos de Leah. Pressiona o nó dos dedos contra os olhos, soltando todo o ar dos pulmões: o pânico acabou.

— Preciso estar lá... sem números — nada — sem dinheiro...

Shar arranca com os dentes um pedaço de pele do polegar direito. Uma gota de sangue surge e se contém. Leah pega Shar pela cintura novamente. Tira os dedos dela da boca.

— Talvez o Middlesex? Nome do hospital, não do lugar. Lá pros lados de Acton, não?

A garota tem uma expressão sonhadora, lenta. Lesada, diriam os irlandeses. É possível que ela seja lesada.

— É... talvez... sim, não, sim é isso. O Middlesex. É isso.

Leah endireita-se, pega um telefone do bolso traseiro e disca.

— PASSO AQUI AMANHÃ.

Leah assente e Shar continua, sem fazer concessões por causa da ligação.

— TE PAGO DE VOLTA. RECEBO MEU CHEQUE AMANHÃ, TÁ?

Leah mantém o telefone no ouvido, sorri e assente, passa seu endereço. Ela faz uma xícara de chá com as mãos. Mas Shar está olhando para a flor de maçã. Ela seca as lágrimas do rosto com o tecido da camiseta imunda. Seu umbigo é um nó firme nivelado com a barriga, um botão costurado num divã. Leah fala seu próprio número de telefone.

— Feito.

Ela se vira para o aparador, pega a chaleira com a mão livre, dando uma balançadinha porque esperava que estivesse vazia. Um pouco de água espirra. Recoloca a chaleira no suporte e fica onde está, de costas para a hóspede. Não há um lugar natural para sentar ou ficar de pé. Na frente dela, no longo para-peito que se estende pela cozinha, algumas das coisas de sua vida — fotos, bugigangas, um pouco das cinzas do pai, vasos, plantas, ervas. No reflexo da janela Shar está puxando os pequenos pés para o assento da cadeira, segurando os tornozelos. A emergência era menos embaraçosa, mais natural que isso. Este não é o país para se fazer chá a uma estranha. Elas trocam um sorriso no vidro. Há simpatia. Não há nada a dizer.

— Vou pegar xícaras.

Leah está nomeando todas as suas ações. Ela abre o armário. Ele está cheio de xícaras; xícaras sobre xícaras sobre xícaras.

— Bom lugar.

Leah vira-se rápido demais, faz movimentos irrelevantes com as mãos.

— Não é nosso — nós alugamos — o nosso é só isso — há dois apartamentos em cima. Jardim compartilhado. É um conjunto habitacional, então...

Leah serve o chá enquanto Shar olha em volta. O lábio inferior estendido, a cabeça assentindo suavemente. Apreciativa, como um corretor de imóveis. Agora ela vai até Leah. O que há para ver? Camiseta de flanela xadrez amassada, shorts jeans esfarrapados, pernas sardentas, pés descalços — uma pessoa ridícula, talvez, uma preguiçosa, uma mulher de lazer. Leah cruza os braços sobre a barriga.

— Bom pra um conjunto. Muitos quartos e tal?

O lábio permanece inclinado. Ele interfere um pouco na fala dela. Há

algo errado com o rosto de Shar, Leah percebe, e fica com vergonha de ter percebido, e desvia o olhar.

— Dois. O segundo é um quartinho pequeno. Nós meio que o usamos como...

Enquanto isso Shar investiga algo completamente diferente; ela é mais lenta que Leah, mas ela está ali agora, elas estão no mesmo lugar. Shar aponta o dedo pra cara de Leah.

— Espera — você foi pra *Brayton*?

Ela balança-se na cadeira. Eufórica. Mas não pode ser.

— Juro que enquanto você tava no telefone eu tava pensando: eu te conheço. Você foi pra *Brayton*!

Leah apoia o traseiro no balcão e fala suas datas. Shar fica impaciente com a cronologia. Ela quer saber se Leah lembra quando o setor de ciências inundou, a vez em que colocaram a cabeça de Jake Fowler num torno. Em relação a essas coordenadas, como pousos na lua e a morte de presidentes, elas situam suas próprias épocas.

— Dois anos antes de você, né. Qual é o seu nome mesmo?

Leah luta com a tampa emperrada de uma lata de biscoito.

— Leah. Hanwell.

— Leah. Você foi pra *Brayton*. Ainda tem contato com alguém?

Leah lista nomes, com biografias superficiais. Shar toca um ritmo com os dedos no tampo da mesa.

— Você está casada faz tempo?

— Tempo demais.

— Quer que eu ligue pra alguém? Seu marido?

— Não... não... ele tá por aí. Não vejo ele faz dois anos. Grosso. Violento. Tinha uns conflitos. Um monte de problemas, na cabeça e tal. Quebrou meu braço, quebrou minha clavícula, quebrou meu joelho, quebrou minha maldita cara. Pra falar a verdade...

O que vem depois é dito meio de lado, com uma risadinha soluçante, e é incompreensível.

— Costumava me estuprar e tal... uma loucura. Ah bem.

Shar desliza para fora da cadeira e vai na direção da porta dos fundos. Olha para o jardim, o gramado amarelo e seco.

— Sinto muito mesmo.

— Não é culpa sua! É assim e pronto.

O sentimento de se sentir ridícula. Leah põe as mãos nos bolsos. A chaleira estala.

— Sinceramente, Layer, seria mentira dizer que tem sido fácil. Tem sido *difícil*. Mas. Escapei, sabe? Estou viva. Três filhos! O mais novo tem sete. Então, trouxe algo de bom, entende?

Leah assente para a chaleira.

— Tem filhos?

— Não. Uma cachorra, Olive. Agora ela está na casa da minha amiga Nat. Natalie Blake? Na verdade na escola ela era Keisha. Natalie De Angelis agora. Do meu ano. Costumava ter um grande afro fofo como —

Leah faz um cogumelo atômico com as mãos atrás da cabeça. Shar franze o cenho.

— É. Cheia de si. Branca por dentro. Se achava o máximo.

Um olhar de evidente desprezo atravessa o rosto de Shar. Leah se deixa levar.

— Ela tem filhos. Mora logo ali, na parte chique, no parque. É advogada agora. De tribunal. Que diferença faz? Talvez nenhuma. Eles têm dois filhos. As crianças adoram Olive, a cachorra se chama Olive.

Ela está apenas soltando frases, uma depois da outra, elas não param.

— Estou grávida, na verdade.

Shar se encosta no vidro da porta. Fecha um olho, focando a barriga de Leah.

— Ah é recente. Muito. Na verdade descobri hoje de manhã.

Na verdade na verdade na verdade. Shar lida com a revelação numa boa.

— Menino?

— Não, quero dizer — ainda não está tão avançada.

Leah cora, sem haver tido a intenção de falar dessa coisa delicada e inacabada.

— Seu homem sabe?

— Fiz o teste esta manhã. Daí você veio.

— Reze pra que seja menina. Meninos são um inferno.

Shar olha de um jeito sombrio. Dá um sorriso diabólico. A gengiva em volta de cada dente é preta. Ela vai de novo até Leah e coloca a mão espalmada na barriga dela.

— Deixa eu sentir. Posso dizer coisas. Não importa se é cedo. Vem cá. Não vou te machucar. É tipo um dom. Minha mãe era igualzinha. Vem cá.

Ela se aproxima mais e puxa Leah. Leah deixa. Shar coloca as mãos de volta onde estavam.

— Vai ser menina, certeza. Escorpião também, uma verdadeira encrenca. Uma corredora.

Leah ri. Ela sente um calor subindo entre as mãos suadas da garota e sua própria barriga úmida.

— Tipo uma atleta?

— Não... do tipo que corre pra fugir. Você vai precisar ficar de olho nela, o tempo todo.

As mãos de Shar caem, seu rosto perde o brilho mais uma vez, entediado. Ela começa a falar de coisas. Todas as coisas são iguais. Leah ou chá ou estupro ou quarto ou ataque cardíaco ou escola ou quem teve um bebê.

— Aquela escola... era um lixo, mas aquelas pessoas que foram pra lá... até que bastante gente se deu bem, né? Como o Calvin — lembra o Calvin?

Leah serve o chá, assentindo energicamente. Ela não se lembra do Calvin.

— Ele tem uma academia na Finchley Road.

Leah gira a colher em seu chá, uma bebida que ela nunca toma, ainda mais nesse clima. Apertou o saquinho forte demais. As folhas escapam pelas bordas e se espalham.

— Não é gerente — é *dono*. Passo por ali às vezes. Nunca achei que o pequeno Calvin ia sair da merda — ele vivia com Jermaine, Louie e Michael. Essa turma era problema... Não vejo mais nenhum deles. Não preciso do drama. Ainda vejo Nathan Bogle. Costumava ver Tommy e James Haven, mas não vi mais eles ultimamente. Já faz um tempo.

Shar continua falando. A cozinha se inclina e Leah se equilibra colocando a mão no aparador.

— Como, desculpe?

Shar franze a testa, ela fala em volta do cigarro aceso na boca.

— Eu disse: posso tomar este chá?

Juntas elas parecem duas velhas amigas numa noite de inverno, segurando suas canecas com as duas mãos. A porta está aberta, todas as janelas estão abertas. O ar está parado. Leah pega sua camiseta com a mão e a desgruda da

pele. Uma passagem se forma, o ar atravessa. O suor acumulado embaixo de cada seio deixa seu rastro vergonhoso no algodão.

— Eu conhecia... quero dizer...

Leah insiste nessa falsa hesitação e olha de forma profunda para sua caneca, mas Shar não está interessada, está batendinho no vidro da porta, falando mais alto que ela.

— É, você era diferente na escola, definitivamente. Você está melhor agora, né. Você era só cabelo de fogo e osso. Toda comprida.

Leah ainda é todas essas coisas. A mudança deve estar nas outras pessoas, ou na própria época.

— Mas se deu bem. Por que você não tá no trabalho? O que você faz mesmo?

Shar já está assentindo quando Leah começa a falar.

— Liguei avisando que estava doente. Não estava me sentindo bem. É meio que uma administração geral, basicamente. Por uma boa causa. Distribuimos dinheiro. Da loteria pra instituições de caridade, sem fins lucrativos — pequenas organizações daqui da comunidade que precisam...

Elas não estão escutando a própria conversa. A garota do conjunto continua na sacada, gritando. Shar balança a cabeça e assobia. Ela dá a Leah um olhar simpático de boa vizinha.

— Vadia gorda e idiota.

Leah traça com o dedo um movimento de cavalo no xadrez partindo da garota. Dois andares acima, uma janela do outro lado.

— Foi ali que eu nasci.

De lá pra cá, uma jornada mais longa do que parece. Por um segundo, esse detalhe local prende a atenção de Shar. Então ela desvia o olhar, deixando cair as cinzas do cigarro no piso da cozinha, embora a porta esteja aberta, e a grama, só a um passo de distância. Ela é lenta, talvez, e possivelmente desastrada; ou é traumatizada, ou distraída.

— Se saiu bem. Fazendo tudo certinho. Provavelmente tem um monte de amigos, sai na sexta, dança, coisa e tal.

— Na verdade não.

Shar solta um pouco de fumaça pela boca e faz uma espécie de som de lamento, assentindo de novo e de novo com a cabeça.

— Uma verdadeira esnobe, esta rua. Você foi a única que me deixou entrar. O resto não ia mijar em você se estivesse pegando fogo.

— Preciso subir ali. Pegar dinheiro pro táxi.

Leah tem dinheiro no bolso. No andar de cima ela entra na primeira porta, a do banheiro, fecha-a, senta no chão e chora. Com o pé estendido derruba o papel higiênico do suporte. Está puxando o rolo pra si quando a campainha toca.

— PORTA! PORTA! ATENDO?

Leah ergue-se, tenta esconder a vermelhidão na minúscula pia. Encontra Shar no hall de entrada, na frente de uma estante cheia de livros da faculdade, passando o dedo pelas lombadas.

— Você leu tudo isso?

— Não, na verdade não. Sem tempo ultimamente.

Leah pega a chave do seu lugar na prateleira do meio e abre a porta da frente.

Nada faz sentido. O motorista que está parado no portão faz um gesto que ela não entende, aponta para a outra extremidade da rua e começa a andar. Shar segue. Leah segue. Leah está desenvolvendo uma nova humildade.

— De quanto você precisa?

Há certa pena no rosto de Shar.

— Vinte? Trinta... pra garantir.

Ela fuma sem as mãos, soltando a fumaça por um canto da boca.

A intensa espumosidade da flor de cerejeira. Através de um corredor rosa, Michel aparece, subindo a rua, do outro lado. Quente demais — seu rosto está encharcado. A toalhinha que ele carrega em dias assim aparece em sua bolsa. Leah ergue um dedo no ar, um pedido pra que ele fique onde está. Ela aponta para Shar, embora o carro a esconda. Michel é míope; ele olha na direção delas com os olhos semicerrados, para, sorri de forma tensa, tira a jaqueta, joga-a sobre o braço. Leah consegue vê-lo bater a camiseta, tentando derrubar os restos do dia: inúmeros cabelinhos, aparas de estranhos, alguns loiros, alguns castanhos.

— Quem é aquele?

— Michel, meu marido.

— Nome de menina?

— Francês.

— Bonito né — bebês bonitos!

Shar pisca: um dos lados de seu rosto se comprime grotescamente.

Shar larga o cigarro no chão e entra no carro, deixando a porta aberta. O dinheiro continua na mão de Leah.

— Ele é daqui? Já vi ele por aí.

— Ele trabalha nos salões de cabeleireiro, perto da estação. De Marseilha — ele é francês. Tá aqui desde sempre.

— Mas é africano.

— Tem origem. Olha — você quer que eu vá com você?

Shar não diz nada por um momento. Ela então sai do carro e aproxima-se do rosto de Leah com as duas mãos estendidas.

— Você é uma pessoa muito boa. Eu estava destinada a bater na sua porta. Sério! Você é uma pessoa espiritual. Há algo espiritual dentro de você.

Leah aperta a pequena mão de Shar e se submete a um beijo. A boca de Shar está levemente aberta na bochecha de Leah para o *muito* e agora fecha com o *obrigada*. Em resposta, Leah diz algo que nunca tinha dito na vida: Deus te abençoe. Elas se separam — Shar se afasta constrangida e se volta para o carro, quase o fim. Leah mete o dinheiro na mão de Shar desafiadoramente. Mas a grandeza da experiência já ameaça se reduzir ao convencional, à anedota: apenas trinta libras, apenas uma mãe doente, e não um assassinato, nem um estupro. Nada sobrevive à sua narração.

— Clima mental.

Shar usa o lenço na cabeça pra secar o suor do rosto e de jeito nenhum olha para Leah.

— Passo amanhã. Te pago de volta. Juro por Deus, tá? Obrigada, sério. Você me salvou hoje.

Leah dá de ombros.

— Não, não seja assim, eu juro... Vou vir, sério.

— Só espero que ela esteja bem. Sua mãe.

— Amanhã, tá? Obrigada!

A porta fecha. O carro dá a partida.

133. *E pluribus unum*

Certamente era algo excepcional ser aceita de volta ao círculo de Middle Temple, mas Natalie Blake era em muitos aspectos uma candidata excepcional, e vários associados do escritório pensavam nela, informalmente, como sua própria protegida, apesar de só a conhecerem de vista. Alguma coisa em Natalie inspirava o patronado, como se ao ajudá-la você estivesse ajudando toda uma multidão invisível.

134. *Paranoia*

Um homem e uma mulher, um casal, sentados numa mesa de frente para Natalie e Frank, tomando café tarde numa manhã de sábado numa cafeteria de North West London.

“É orgânico”, disse Ameeta. Ela se referia ao ketchup.

“É ruim”, disse seu marido, Imran. Ele também estava se referindo ao ketchup.

“Não é ruim. Só não tem as catorze colheradas de açúcar com que você está acostumado”, disse Ameeta.

“O nome disso é sabor?”, disse Imran.

“Então coma de uma vez ou deixe de lado, merda”, disse Ameeta. “Ninguém dá a mínima.”

Em volta deles, em outras mesas, bebês de outras pessoas começaram a chorar.

“Eu não disse que alguém dava a mínima”, disse Imran.

“Índia versus Paquistão”, disse Frank — ele se referia, de forma jocosa, aos países de origem de seus amigos. “Melhor rezar pra que não vire uma guerra nuclear.”

“Haha”, disse Natalie Blake.

Eles continuaram tomando seu café. Café da manhã que virou brunch. Faziam isso uma ou duas vezes por mês. O brunch de hoje parecia, para Natalie, uma ocasião mais animada que de costume, e mais confortável, como se, ao retornar a um escritório comercial e agir, pelo menos em parte, no interesse corporativo, tivesse perdido os últimos resquícios de uma aura de encrenca que tinha incomodado seus amigos e os tornado cautelosos perto dela.

Os ovos demoraram para vir. Frank discutiu amigavelmente com o garçom até eles serem retirados da conta. Em dado momento empregou a frase: “Olha, nós dois somos irmãos instruídos”. Ocorreu a Natalie Blake que ela não tinha sido muito feliz no casamento. Bobo. Fazia piadas ruins, ofendia as pessoas. Ele estava constantemente bem-humorado, mas era teimoso. Não lia ou tinha qualquer interesse real por cultura, à parte a velha e nostálgica afeição pelo hip-hop dos anos 1990. A ideia do Caribe lhe era maçante. Quando pensava nas almas dos negros ele preferia pensar na África — “Etiópia, a Somália, e Egito, a Esfinge” — onde as duas linhagens do seu DNA de fato batalharam nobremente em histórias antigas. (Ele tinha só uma ideia vaga e bíblica dessas histórias.) Ele estava com a boca melecada de ketchup, e eles tinham se casado rapidamente, sem se conhecerem muito bem. “Eu até que gosto dela”, disse Ameeta, “só não confio muito nela.” Frank De Angelis jamais ia trair ou mentir para ou machucar Natalie Blake, de modo nenhum. Ele era um homem fisicamente bonito. Carinhoso. “Não se trata de elisão fiscal”, disse Imran. “Trata-se de planejamento tributário.” A felicidade não é um valor absoluto. É um estado de comparação. Será que eles chegavam a ser mais infelizes que Imran e Ameeta? Que aquelas pessoas ali? Que você? “Qualquer coisa com farinha me dá alergia”, disse Frank. Em cima da mesa havia uma enorme pilha de jornal. Em Caldwell, a escolha do jornal fora uma questão bastante importante. Era motivo de orgulho para Marcia o fato de que os Blake compravam o *Voice* e o *Daily Mirror* e nenhuma “porcaria”. Agora todo mundo vinha tomar café com seu jornal de “qualidade” e um acompanhamento lixo. Tetas e pastores e celebridades e assassinato. As crenças de sua mãe — e, por extensão, as da própria Natalie — pareciam antiquadas. “É uma revolta”, disse Ameeta. Natalie pressionou a faca contra o ovo e ficou vendo a gema escorrer sobre os feijões. “Outro troço de chá?”, disse Frank. Todos eles concordavam que a guerra não deveria estar acontecendo. Eram contra a guerra. Em meados dos anos 1990, quando Natalie Blake estava dormindo com Imran, os dois tinham planejado uma viagem para a Bósnia com um comboio de ambulâncias. “Mas Irie sempre seria esse tipo de mãe”, disse Ameeta, “eu já teria percebido isso de cara cinco anos atrás.” Agora só existia a esfera privada. Trabalho e casa. Casamento e filhos. Agora eles só queriam voltar para seus próprios apartamentos e viver a vida real de conversas domés-

ticas e televisão e banhos e almoço e jantar. O brunch estava fora da esfera privada, por pouca coisa — estava logo do outro lado da fronteira. Mas até ele ficava longe demais de casa. O brunch não existia realmente. “Posso te dar uma dica?”, disse Imran. “Comece no terceiro episódio da segunda temporada.” Será que era possível se sentir em pé de guerra, constantemente, até no brunch? “Ela tem um filho de cada raça agora. É como os Estados Unidos dos Idiotas”, disse Frank, pois a pessoa se coloca acima do interesse por “fofoca de celebridades” ao simplesmente fazer comentários irônicos sobre isso. “Uma ‘suruba’ com duas strippers”, leu Ameeta. “Por que sempre falam em ‘suruba’? Nunca fiz nenhuma maldita ‘suruba’ na minha vida.” A perversidade sexual também era antiquada: cheirava a uma época anterior. Era uma coisa suja, constrangedora, impraticável nessa economia. “Nunca sei qual é o valor aceitável”, disse Imran. “Dez por cento? Quinze? Vinte?” Consciência global. Consciência local. Consciência. E eis que eles perceberam que estavam nus e não se envergonharam. “Você está se iludindo”, disse Frank. “Não consegue nada no parque por menos de um milhão.” O erro era achar que o dinheiro significava precisamente — ou era equivalente a — dada combinação de tijolos e argamassa. O dinheiro não era pelas casas geminadas e apertadas com seus quintais estreitos. O dinheiro era pela distância que a casa colocava entre você e Caldwell. “Essa saia”, disse Natalie Blake, apontando para uma foto num suplemento, “mas em vermelho.”

Tendo o brunch virado almoço, Imran pediu panquecas feito um americano. Depois de décadas de decepção, o café era finalmente café de verdade. Não seria cruel demais ir embora, agora, tendo eles chegado até aqui? Todos os quatro estavam prestando um serviço para o resto das pessoas na cafeteria, só por estarem ali. Eles eram a “vibe local” a que os corretores se referiam. Por esse motivo, também, não precisavam se preocupar muito com política. Simplesmente *eram* fatos políticos, suas próprias pessoas. “Polly não vem?”, perguntou Frank. Todos os quatro conferiram seus celulares buscando notícias de sua última amiga ainda solteira. O toque suave do celular contra a palma da mão. Um envelope piscando com a promessa de ligação externa, trabalho, compromisso. Natalie Blake tinha se tornado uma pessoa inadequada para a autorreflexão. Deixada à mercê de seus próprios dispositivos mentais, ela rapidamente acabava num autodesprezo. O trabalho lhe caía bem, e enquanto Frank ansiava os fins de semana, ela não conseguia esconder seu entusiasmo

pelas segundas-feiras. Só conseguia se justificar para si mesma quando trabalhava. Se ao menos pudesse ir ao banheiro e passar a hora seguinte sozinha com seu e-mail. “Trabalhando no fim de semana. De novo”, disse Imran. Sua conexão era a mais rápida. “Que feio”, disse Natalie Blake. Mas será que era mesmo? Se Polly viesse, ela apenas ia sentar e falar de suas boas obras — inquéritos policiais e litígio civil e arbitragem internacional para as nações infelizes; opiniões recentemente publicadas sobre a legalidade da guerra. Procurada por um escritório novo, moderno e certinho, onde ela era ao mesmo tempo muito bem paga e moralmente irrepreensível. Vivendo o sonho. Era o ano em que as pessoas começaram a falar “vivendo o sonho”, às vezes com sinceridade, mas geralmente de forma irônica. Natalie Blake, que também era muito bem paga, achava que ter de escutar Polly nessas ocasiões era uma provocação quase insuportável.

136. Flor de maçã, 1ª de março

Surpreendida pela beleza, no jardim da frente de uma casa na Hopefield Avenue. Já estava ali ontem? Olhando mais de perto, a nuvem branca se separava em milhares de minúsculas flores com miolos amarelos e pontinhos verdes e pintas rosas. Um animal da cidade, ela não sabia o nome apropriado para nenhuma coisa natural. Estendeu a mão para quebrar um raminho carregado de flores — pretendendo fazê-lo com um gesto simples e despreocupado —, mas o ramo era forte e verde por dentro e não era frágil o suficiente para ser arrancado. Tendo começado, ela sentiu que não podia desistir (a rua não estava vazia, ela estava sendo observada). Deixou sua pasta no muro do jardim da frente de alguém, usou as duas mãos e lutou com o ramo. O que finalmente cedeu era mais um galho do que um ramo, estando ligado a vários outros ramos, todos carregados de flores, e a vândala Natalie Blake se afastou apressada e virou a esquina segurando aquilo. Estava a caminho do metrô. O que ia fazer com um galho?

137. Linha de raciocínio

O roteirista Dennis Potter foi entrevistado na televisão. Em algum momento no início dos anos 1990. Perguntaram-lhe como era ter algumas semanas para viver. Natalie Blake lembrava a resposta: “Olho para fora da minha

janela e vejo a floração. E ela está mais florida do que nunca”. Assim que entrasse na internet ela poderia verificar o ano e se essas tinham ou não sido as palavras dele. Mas, daí também, talvez a forma como ela lembrava é que importasse. O galho jazia abandonado do lado de fora de uma cabine telefônica na Kilburn Station. Sentada no banco do metrô, Natalie Blake moveu sua pélvis muito sutilmente para a frente e para trás. A floração sempre foi intensamente florida para Natalie Blake. A beleza criava uma consciência especial nela. “A diferença entre um momento e um instante.” Não lembrava muita coisa sobre a importância filosófica dessa distinção, a não ser que sua boa amiga Leah Hanwell outrora tinha tentado entendê-la, e fazer Natalie Blake entendê-la, há muito tempo, quando eram estudantes, e bem mais inteligentes do que hoje. E por um curto período em 1995, talvez uma semana e pouco, ela tinha achado que entendera.

138. <http://www.google.com/search?client=safari&rls=en&q=kierkegaard&ie=UTF-8&oe=UTF-8>

Tal momento tem características peculiares. De fato ele é breve e temporal, como qualquer momento; é transitório, como são todos os momentos; é passado, como qualquer momento no momento seguinte. E, no entanto, é decisivo, e cheio do eterno. Tal momento precisa ter um nome diferente; chamemo-lo de *Plenitude do Tempo*.

139. *Pensamento duplo*

A advogada comercial Natalie Blake fazia trabalho *pro bono* com casos de pena de morte nas ilhas caribenhas dos seus ancestrais e instruiu um contador a separar dez por cento dos seus ganhos, a serem divididos entre contribuições de caridade e apoio à sua família. Ela supôs serem os resquícios de sua fé que a deixavam inquieta e desconfiada de que essas boas obras eram, na verdade, outro exemplo, dissimulado, de interesse pessoal, servindo apenas para descargo de consciência. Reconhecer a raiz dessa suspeita não ajudou a dissipá-la. Tampouco encontrou algum alívio na pessoa do seu marido, Frank De Angelis, que se opôs a suas ações com base em premissas bastante diferentes: sentimentalismo, mente confusa.

140. *Espetáculo*

Os Blake-De Angelis começavam a trabalhar cedo e costumavam ir até tarde, e nos intervalos se tratavam com um carinho exagerado, como se a menor pressão exercida fosse fazer tudo explodir em pedacinhos. Às vezes pela manhã seus trajetos correspondiam, brevemente, até Natalie fazer baldeação na Finchley Road. Com mais frequência acontecia de Natalie sair entre meia e uma hora antes do marido. Ela gostava de se encontrar mais cedo com a estagiária com quem dividia uma sala, Melanie, para conseguir uma vantagem em relação a todos os negócios do dia. À noite o casal via televisão, ou entrava na internet para planejar futuros feriados, um exemplo por si só de má-fé, pois Natalie odiava feriados, preferindo trabalhar. Eles só se aproximavam realmente nos fins de semana, na frente de amigos, para quem pareciam animados e vibrantes (eles tinham apenas trinta anos de idade) e cheios do velho bom humor, como uma dupla de atores que só se fala no palco.

141. *Anúncios*

Foi mais ou menos nessa época que Natalie Blake começou a entrar secretamente no site. Por que alguém começa a entrar num site? Curiosidade antropológica. A colocação “Ouvi dizer que as pessoas usam esse site” é logo seguida por “Não posso acreditar que as pessoas realmente visitem esse site!”. Depois vem: “Que tipo de gente visita esse site?”. Se o site é visitado inúmeras vezes a pergunta é respondida. O problema se torna circular.

142. *Tecnologia*

“Eu tenho por causa do trabalho.” “É do trabalho — não pago por ele.” “Preciso dele pro trabalho, e realmente facilita um monte de coisa.” “É meu celular do trabalho, do contrário eu nem teria um.”

143. *O presente*

Natalie Blake, que dizia às pessoas que tinha horror a aparelhos caros e detestava a internet, adorava seu celular e era inevitável, compulsiva e adverbialmente viciada em internet. Embora fosse incrivelmente rápido, ainda assim seu celular era lento demais. Ele ainda não tinha terminado de abrir a página do novo site do escritório quando as portas do elevador na Covent

Garden Station se fecharam. Durante os vinte minutos da viagem de metrô, a tela na sua mão obstinadamente congelou na frase

os mais altos padrões de representação legal no mundo atual de rápida mutação.

144. Velocidade

Em algum momento nos tornamos conscientes de que somos “modernos”, da rápida mutação. Do que vem logo depois do agora. John Donne também era moderno e certamente viu a mudança, mas nós sentimos que somos mais modernos e que a mudança é mais rápida. Até o imutável é mais rápido. Até a floração. Enquanto comprava uma chamuça na lanchonete imunda dentro da Chancery Lane Station (um resquício de sua criação era a disposição de comprar comida de qualquer pessoa, em qualquer lugar), Natalie Blake mais uma vez deu uma olhada nos anúncios. A essa altura ela estava conferindo-os duas ou três vezes por dia, embora ainda como voyeur, sem dar uma contribuição concreta.

145. Perfeição

Por algum motivo esse piquenique marcado era muito importante para Natalie Blake, e ela se pôs a planejá-lo meticulosamente. Cozinhou tudo sozinha. Decidiu-se por uma cesta com louça e copos de verdade. Mesmo enquanto estava comprando essas coisas na internet viu que aquilo realmente era “demais”, mas seu plano estava traçado e ela se sentiu incapaz de mudar de direção. No trabalho estava envolvida até o pescoço com uma disputa entre uma empresa de tecnologia chinesa e sua distribuidora britânica. Na primeira videoconferência, o diretor-geral chinês não conseguiu disfarçar a surpresa. Ela não deveria estar às voltas com um piquenique. Deveria estar no escritório procurando uma saída em meio às recentes revelações da outra parte. Natalie prosseguiu no seu caminho. Escolheu um traje. Sandálias com brilho, brincos de argola, pulseiras, uma saia longa ocre, uma blusa marrom e o cabelo num enorme afro longe do rosto e preso com a perna de uma meia-calça preta, cortada e amarrada na parte de trás da cabeça. Ela se sentiu africana neste traje, embora nada do que vestisse viesse da África, com exceção talvez dos

brincos e das pulseiras, conceitualmente. Seu marido passou pela cozinha no momento em que ela tentava enfiar três potes Tupperware extras na cesta forrada com um tecido xadrez que ela tinha comprado para a ocasião.

“Jesus. Isso é nosso?”

“Ela é minha amiga mais antiga, Frank.”

“Os dois vão estar de moletom.”

“Um piquenique é mais do que maconha e um sanduíche de supermercado. A gente quase não os vê mais. Está um lindo dia. Quero que seja legal.”

“TÁ.”

Ele desviou dela teatralmente. Um médico evitando um louco. Abriu a geladeira.

“Não coma. É um piquenique. Coma no piquenique.”

“Desde quando você assa alguma coisa?”

“Não toque nisso. É um bolo de gengibre. É uma receita jamaicana.”

“Você sabe que não posso comer nada com farinha.”

“Não é pra você!”

Ele saiu da cozinha em silêncio e não ficou muito claro se aquele era ou não o começo de uma briga. Provavelmente ele ia se decidir depois, dependendo de haver uma vantagem prática a se tirar da discórdia. Natalie Blake pôs as mãos no balcão e ficou um bom tempo olhando para os azulejos amarelos diante do rosto. Para quem aquilo era? Leah? Michel?

146. Cheryl (A.M.O.R.)

“Só tire isso.” Com Carly aos berros no seu quadril, Cheryl abaixou-se para jogar a Barbie e o lixo de propaganda no chão. Natalie encontrou algum tipo de anuário de capa dura e pôs as xícaras de chá em cima dele. “Deixa eu tentar dar de comer pra essa aqui e depois podemos ir pra sala de estar.” Elas se sentaram uma de frente para a outra em suas velhas camas de solteiro. Natalie acreditava ter uma lembrança de estar deitada ao lado da irmã numa dessas camas, desenhando letras tortuosas nas suas costas nuas, as quais Cheryl tinha de adivinhar e com elas formar palavras. Cheryl deu a Carly sua mamadeira. Ela ficou sentada muito ereta com o terceiro filho nos braços. Uma adulta com preocupações de adulta. Natalie cruzou as pernas como uma criança e guardou para si suas doces recordações. Não havia algo de infantil na própria ideia de “doces recordações”?

“Keesh, me passa esse trapo aí. Ela está botando tudo pra fora.”

Pocahontas na persiana fechada. O sol a deixou dourada. O quarto não tinha mudado muito desde os velhos tempos, a não ser pelo fato de que agora estava grosseiramente dividido entre uma zona de menino e uma de menina; a primeira, vermelha, azul e do Homem-Aranha, a segunda, rosa, princesa com diamante incrustado. Natalie pegou um caminhão de brinquedo e o movimentou para cima e para baixo em sua coxa.

“Dois contra um.”

A cabeça de Cheryl ergueu-se pesadamente; o bebê estava agitado e não havia modo de fazê-lo parar quieto para comer.

“Só — a guerra entre rosa e azul. O pobre Ray não vai sobreviver agora com Cleo e Carly.”

“Sobreviver? O que você quer dizer?”

“Nada. Desculpe, continue.”

Em cada superfície se equilibravam coisas em cima de outras coisas com mais coisas penduradas e colocadas em volta e enfiadas no meio. Nenhum Blake era capaz de jogar qualquer coisa fora. Era igual na casa de Natalie, com exceção de que lá as enormes torres de porcelanas baratas estavam empilhadas atrás de portas de armários, escondidas por um melhor armazenamento.

Cheryl tirou a mamadeira da boca da criança e suspirou: “Ela não está tomando. Vamos já pra lá, então”.

Natalie seguiu a irmã pelo estreito corredor tornado quase intransitável por causa dos fios com roupa pra secar, um em cada parede.

“Posso fazer alguma coisa pra ajudar?”

“Sim, pegue ela um minuto enquanto vou mijar. Carly, vá com sua tia agora.”

Natalie não tinha medo de segurar bebês; ela tinha muita prática. Apoiou Carly frouxamente no quadril e com a outra mão ligou para Melanie para dar uma série de instruções desnecessárias que poderiam tranquilamente ter esperado até ambas estarem no escritório. Ficou andando de um lado para o outro na sala enquanto fazia isso, embalando o bebê, falando alto, totalmente competente, casual. O bebê, parecendo perceber essa competência

extraordinária, ficou quieto e olhou para a tia com olhos cheios de admiração, nos quais Natalie enxergou até um toque de melancolia.

“Mas a questão é, sim”, disse Cheryl, entrando de volta na sala, “Jay foi embora, tem bastante espaço aqui. E eu não quero deixar a mãe sozinha passando aperto.”

“Uma hora Gus vai terminar a construção. Ela vai voltar para a Jamaica.”

Cheryl pôs as duas mãos na base das costas e empurrou a barriga para a frente naquele gesto maternal depressivo que Natalie tinha certeza de que jamais ia fazer, se e quando se tornasse mãe. “Isso está longe de acontecer”, disse Cheryl, bocejando enquanto se espreguiçava. “Ele mandou fotos. Não por e-mail — fotos num envelope. É uma caixa de papelão sem telhado. Tem uma palmeira crescendo dentro do banheiro.”

Essa lembrança da inocência do pai delas, do seu otimismo e da sua incompetência, fez as irmãs sorrirem e encorajou Natalie. Ela apertou a sobrinha contra o peito e beijou sua testa.

“É só que eu não suporto ver vocês vivendo desse jeito.”

Cheryl se sentou na velha cadeira do pai, balançou a cabeça para o chão e soltou um riso desagradável.

“Então é isso”, disse ela.

Natalie Blake, que mais do que tudo temia parecer ridícula — ou ser vista, mesmo que por um instante, do lado errado de uma questão moral —, fingiu não ter ouvido isso e sorriu para o bebê e o ergueu acima de sua cabeça para tentar fazê-lo sorrir, e quando isso não funcionou trouxe-o de volta para seu colo.

“Se você odeia Caldie tanto assim, por que se digna a vir aqui? Sério, cara. Ninguém te convidou. Volte para sua nova área. Estou ocupada — e também não tenho realmente tempo pra sentar e bater papo com você. Você me deixa puta da vida às vezes, Keisha. Sério, me deixa mesmo.”

“Quando eu estava na RSN”, disse Natalie, firme, com o tom de voz que usava no tribunal, “você sabe quantos clientes meus eram Caldies? Não há nada de errado em querer ver você e as crianças num bom lugar em algum outro local.”

“Este lugar é bom! Tem muitos bem piores. Você viveu aqui e se deu bem. Pra falar a verdade, Keisha, se eu quisesse sair daqui eu ia conseguir outro lugar fora do conjunto antes de ter que pedir qualquer coisa pra você.”

Natalie dirigiu seu comentário seguinte ao bebê de quatro meses.

“Não sei por que sua mãe fala assim comigo. Sou a única irmã que ela tem!”

Cheryl ocupou-se de uma mancha na sua calça leggings. “Nunca nem fomos assim tão próximas Keisha, fala sério.”

Na bolsa de Natalie, perto da porta, havia três Ambien, no bolso interno junto de sua carteira.

“Temos quatro anos de diferença”, ela se ouviu dizer, baixinho, num tom de voz ridículo.

“Não, mas não era isso”, disse Cheryl, sem erguer os olhos.

Natalie levantou-se de um salto da cadeira. De pé, ela achou que segurar a pequena Carly limitava suas opções dramáticas. A criança tinha pegado no sono no seu ombro. Numa dinâmica inalterada desde a infância, Natalie ficou irada enquanto sua irmã se acalmava.

“Desculpe, eu esqueci: ninguém tem permissão de ter amigos nesta família de merda.”

“Família em primeiro lugar. É nisso que eu acredito. Deus vem primeiro, depois a família.”

“Ah, me poupe desse papo furado. Aí vem a Virgem Maria. Só porque você não consegue localizar os pais, não significa que as concepções sejam imaculadas.”

Cheryl ergueu-se e meteu o dedo na cara da irmã: “É melhor você tomar cuidado com o que fala, Keisha. E por que precisa ficar xingando o tempo todo, cara? Tenha um pouco de respeito”.

Natalie sentiu as lágrimas prestes a brotar e foi totalmente tomada por uma sensação infantil de autocomiseração.

“Por que estou sendo punida por fazer algo da minha vida?”

“Ah, por favor. Quem está te punindo, Keisha? Ninguém. Isso é coisa da sua cabeça. Você é paranoica, cara!”

Não havia quem segurasse Natalie Blake: “Eu trabalho duro. Entrei sem nenhuma reputação, sem nada. Construí uma prática séria — você faz alguma ideia de quão poucos...”.

“Você realmente veio aqui pra me dizer que grande mulher é hoje em dia?”

“Vim aqui pra tentar te ajudar.”

“Mas ninguém aqui está pedindo sua ajuda, Keisha! Entenda! Não estou pedindo, ponto final.”

E agora elas tinham de transferir Carly do ombro de Natalie para o da mãe, uma operação estranhamente delicada no meio do massacre.

Natalie Blake ficou desesperada à procura de uma última e derradeira frase de efeito. “Você precisa fazer alguma coisa sobre sua atitude, Cheryl. Sério. Você devia buscar ajuda, porque é realmente um problema.”

Assim que recebeu a criança nos braços Cheryl deu as costas para a irmã e começou a atravessar de volta o corredor até o quarto.

“É, bem, até ter filhos você realmente não tem nada a me dizer, Keisha, pra falar a verdade.”

147. Anúncios

No site ela era o que todo mundo procurava.

148. O futuro

Natalie Blake e Leah Hanwell tinham vinte e oito quando os primeiros e-mails começaram a chegar. Fotos anexadas de mulheres com um olhar atordado, pulseiras de hospital, bebês contra o peito, o cabelo inexplicavelmente encharcado. Parecia que elas tinham atravessado um abismo e entrado em outro mundo. Era perfeitamente possível que sua própria mãe estivesse indo às casas dessas novas mães, com seu nome no crachá preso ao avental, espetando os pés dos bebês com uma agulha, ou verificando os pontos das novas mães enquanto elas deitavam de lado num sofá. Marcia deve ter visto uma ou duas delas, segundo a lei das médias locais. Elas eram recém-chegadas no bairro. Não eram o tipo de gente que apaga a luz e deita no chão. A mãe e o bebê bem, exaustos. Era como se ninguém nunca tivesse tido um bebê antes, na história da humanidade. E todo mundo dizia exatamente isso, era a nova frase da moda: “É como se ninguém nunca tivesse tido um bebê antes”. Natalie encaminhou os e-mails para Leah. *É como se ninguém nunca tivesse tido um bebê antes.*

149. A natureza se torna cultura

Muitas coisas que tinham parecido, para as próprias mães delas, elemen-

tos óbvios de um mundo de senso comum agora surgiam diante de Natalie e Leah como sendo surpreendentes ou ultrajantes. Dor física. A existência da doença. A diferença na idade reprodutiva entre homens e mulheres. A idade em si. A morte.

Sua própria materialidade era o escândalo. O fato da carne.

Natalie Blake, sendo forte, decidiu lutar. Ir para a guerra contra essas questões, como um soldado.

150. *Anúncios*

Depois de abrir um e-mail sobre um bebê, ela entrou no site e contribuiu com ele. Subiu até o quarto e foi para a cama.

151. *Edição*

“Vai aonde?”

Natalie Blake se livrou da mão do marido na sua canela e se ergueu da cama. Atravessou o corredor até o quarto de hóspedes e se sentou na frente do computador. Digitou o endereço do site no navegador tão habilmente quanto um pianista tocando uma escala. Retirou a contribuição.

152. *O passado*

“Nathan?”

Ele estava sentado no coreto do parque, fumando, com duas garotas e um garoto. Duas mulheres e um homem. Mas eles estavam vestidos como crianças. Natalie Blake estava vestida como uma advogada bem-sucedida com seus trinta e poucos anos. Sozinhos, ele e ela poderiam ter dado uma volta no parque e falado do passado, e talvez ela tivesse tirado seus feios saltos e eles tivessem se sentado na grama e Natalie tivesse fumado a maconha dele, e então dito para sair das drogas de um jeito meio maternal, e ele assentisse e sorrisse e promettesse que sim. Mas acompanhado como ele estava ela não fazia ideia de como agir.

Que calor, disse Nathan Bogle. É verdade, concordou Natalie Blake.

153. *Brixton*

Era um convite feito há tempos, mas ela não tinha ligado ou mandado

uma mensagem para avisar que estava indo. Foi um impulso que teve na Victoria Station. Quinze minutos depois estava na Brixton High Street, exausta do tribunal, ainda de terninho, atrapalhando o caminho de pessoas alegres que estavam apenas começando sua noite de sexta. Comprou algumas flores numa loja de conveniência e pensou em todas as cenas de filmes em que as pessoas compram flores em lojas de conveniência, e no quanto é sempre melhor não levar nada. Encontrou a casa e tocou a campainha. Um cara bem bicha-louca com o afro tingido de loiro abriu a porta.

“Oi. Jayden está? Sou a irmã dele, Nat.”

“Mas só pode ser mesmo. Você é a cara da Angela Bassett!”

A cozinha estava confusamente cheia. Será que era a bicha-louca? Ou um dos caras brancos? Ou o chinês, ou o outro cara?

“Ele está tomando banho. Vodca ou chá?”

“Vodca. Vocês estão de saída?”

“Acabamos de chegar. A única coisa que tem pra comer agora são essas bolachas.”

154. *Sobrenatural*

Quando foi a última vez que ela ficou tão bêbada? Havia alguma coisa no fato de estar na companhia de tantos homens sem nenhuma intenção em relação a ela que encorajava o excesso. Estava aprendendo muitas coisas sobre seu irmão mais novo de que nunca tinha ficado sabendo. Ele era “famoso” por beber White Russians. Ele tinha tido uma queda por Nathan Bogle. Adorava ficção fantástica. Podia fazer mais flexões com uma só mão do que qualquer outro homem na sala.

A vodca acabou. Eles tomaram doses de uma bebida azul que encontraram num armário. Natalie percebeu que não havia um homem especial ou escolhido nesta casa. Jayden tinha conseguido encontrar para si exatamente a condição de vida fluida e amigável com que ela mesma tinha sonhado tantos anos antes. Se não era totalmente possível ficar feliz por ele era porque tal condição era atemporal — ela não estava ligada às constrações do tempo —, e isso por sua vez era consequência de um detalhe crucial: nenhuma mulher fazia parte do esquema. As mulheres trazem o tempo. Natalie tinha trazido o tempo para esta casa. Ela não conseguia parar de falar nas horas, e de se preocupar por causa disso. Se ao menos conseguisse se livrar do seu corpo e se juntar a eles na Vauxhall

Tavern para a segunda rodada. Na verdade, ela tinha recebido dez mensagens de Frank e estava na hora de ir para casa. O tempourgia.

“E isso tudo na mesma semana”, disse Jayden. “Na mesma semana, ela falou pra esse garoto idiota do conjunto que não largava do meu pé se mandar, simplesmente o botou pra correr, logo depois de ter voltado daquele último exame. Só tirou A. A garota não é fraca. A irmã é sobrenatural, pode acreditar!”

A sala girava e girava. Natalie não reconheceu essa história. Ela não achava que essas duas coisas tinham acontecido, pelo menos não na mesma semana, talvez nem no mesmo ano. Certamente não tirou só A. Tinha acontecido várias vezes nessa noite, essas versões conflitantes, e no início tentara melhorá-las ou contestá-las, mas agora ela se recostou nos braços de um homem chamado Paul e ficou acariciando seu bíceps. Fazia alguma diferença o que era ou não verdade?

155. Algumas observações sobre a televisão

Ela estava vendo os pobres com Marcia. Um reality show ambientado num conjunto habitacional. O conjunto habitacional na televisão era um pouquinho pior do que o conjunto habitacional no qual ela estava sentada assistindo ao programa sobre um conjunto habitacional. De vez em quando Marcia fazia comentários sobre quão imundos eram os apartamentos das pessoas na televisão e o quanto ela cuidava escrupulosamente do dela, não obstante a bagunça de Cheryl. “Guinness. Às dez da manhã!”, disse Marcia. Natalie, que nunca tinha assistido ao programa antes, perguntou qual era a história de um dos participantes. Marcia agarrou os dois braços da cadeira e fechou os olhos. “Ela usa crack. Só quer saber de maquiagem e roupas. O irmão recebe auxílio-invalidez, mas não há nada de errado com ele. É uma desgraça. O pai está na prisão por roubo. A mãe é viciada.” No programa, a pobreza era entendida como um traço de personalidade. “Olha só isso! Olha esse banheiro. Que vergonha. Que tipo de gente vive desse jeito? Você viu aquilo?” Natalie alegou inocência. Ela estava verificando o celular. “Você não para de mexer nesse celular. Veio aqui pra me ver ou pra mexer nesse celular?”

Natalie ergueu os olhos. Um rapaz sem camisa com uma garrafa de cerveja na mão passou correndo por um gramado destruído entre dois prédios e

atirou a garrafa na única janela que restara num carro queimado. Música acompanhou essa ação. Havia certa beleza naquilo.

“Odeio a forma como a câmera fica pulando desse jeito o tempo todo”, disse Marcia. “Você não pode esquecer um minuto a filmagem. Por que eles sempre fazem isso hoje em dia?”

A Natalie pareceu que aquela era uma questão profunda.

156. Melanie

Natalie Blake estava no escritório fazendo algumas anotações sobre um detalhe arcano do direito de propriedade no que concernia a usucapião quando Melanie entrou, tentou falar e caiu em prantos. Natalie não sabia o que fazer com uma pessoa chorando. Pôs uma mão no ombro de Melanie.

“O que aconteceu?”

Melanie balançou a cabeça. Um líquido escorreu do seu nariz e uma bolha se formou no canto da sua boca.

“Problema em casa?”

Só o que Natalie sabia da vida privada de Melanie era que o namorado dela era policial e que havia uma filha chamada Rafaella. Nem o policial nem Melanie eram italianos.

“Pegue um lenço”, disse Natalie. Ela tinha fobia a ranho. Melanie deixou-se cair numa cadeira. Tirou um celular do bolso. Em meio a acessos ofegantes de choro parecia estar tentando encontrar alguma coisa ali. Natalie ficou vendo o dedo dela, movendo-se freneticamente sobre o botão de rolagem.

“Eu realmente preciso não estar aqui!” Esse problema parecia interessante, e bastante inesperado vindo da franca e confiável Melanie, que Natalie com frequência descrevia como sendo “sua rocha”. (Era o ano em que todo mundo estava dizendo que alguém era “sua rocha”.) Mas agora Melanie tornava-se aborrecidamente prática: “Não o tempo todo! A questão é que eu tenho a Rafa e eu a amo e não quero mais fingir que não tenho a Rafa! Olha só pra ela — ela está um gênio agora, vai fazer dois anos”.

Natalie se inclinou para a frente para ver uma imagem numa tela. Um grande senhor feudal recebendo um camponês assustado, com uma confissão sobre a colheita.

157. No parque

Natalie Blake estava ocupada com a disputa de fronteira na Caxemira, pelo menos no que se referia à importação de aparelhos de som para a Índia via Dubai em nome da indústria eletrônica japonesa gigante que era sua cliente. Seu marido Frank De Angelis estava fora entretendo clientes. Eles estavam “sem tempo”. Nem tinham tempo para ir buscar sua última recompensa por todo aquele trabalho duro. Marcia gentilmente foi pegar a chave antes que a imobiliária fechasse, e Natalie encontrou a mãe e Leah na porta da frente. Elas sussurraram ao entrar. Não estava claro por quê. Não havia cortinas ainda, e suas sombras se estendiam por sobre a lareira e até o teto. Natalie as guiou, indicando onde sofás, cadeiras e mesas seriam colocados, o que seria derrubado e o que seria mantido, o que seria forrado com carpete ou arrancado ou polido. Natalie encorajou sua mãe e sua amiga a ficar diante do janelão frontal e admirar a vista do parque. Ela reconheceu em si mesma uma necessidade de submissão total.

Deu uma corridinha à frente para admirar um quarto. Olha essa cornija original. Aqui há uma lareira ativa. Esperou a mãe e Leah se juntarem a ela. Cutucou um pedaço de gesso solto com a unha. Na época em que ela era estagiária e ficava do lado “errado” de um processo penal, Marcia queria que “pensasse na família da vítima”. Agora, se ela representasse uma grande companhia multinacional, tinha de ouvir os sermões farisaicos e mal informados de Leah sobre os males da globalização. Só Frank a apoiava. Só ele parecia sempre orgulhoso dela. Quanto mais alto nível era o caso, mais satisfeito ele ficava. Cheryl, anos atrás: “Toda vez que tento voltar a estudar, Cole tenta me fazer pegar barriga”. Um livramento de Deus. Pensar em Cheryl sempre ajudava em momentos de ansiedade. Pelo menos Natalie Blake e Frank De Angelis não estavam trabalhando um contra o outro, ou competindo. Formavam uma sociedade. Uma propaganda deles mesmos. Deixem-me mostrar aqui essa propaganda de mim mesma. Aqui está a janela, aqui está a porta. E repetir, e repetir.

Natalie estava abrindo a porta para o que ela tinha decidido que seria seu escritório quando Marcia disse algo provavelmente bem inocente — “Tem bastante espaço pra uma família aqui” —, e Natalie fez disso uma briga e não quis de jeito nenhum se desculpar. Ela ficou vendo a mãe atravessar o corredor de azulejos pretos e brancos até a porta, não mais a matrona indomável

de sua infância, mas uma senhora pequena e grisalha com uma touca de lã surrada que certamente merecia um tratamento mais gentil do que o que ela tinha recebido.

“Você está bem?”, disse Leah.

“Sim, sim”, disse Natalie. “É só o de sempre.”

Leah encontrou alguns saquinho de chá num armário da cozinha e uma única xícara.

“As pessoas realmente acham que tenho grandes chances de virar Conselheira da Rainha. Não significa nada pra ela. Pra ela só o que você tem de fazer é se mudar de volta pra lá. Cheryl é a queridinha agora. Elas se dão tão bem que melhor impossível.”

“É difícil para ela te entender.”

“Por quê? O que há de difícil em mim?”

“Você tem o seu trabalho. Tem Frank. Tem todos aqueles amigos. Você está se tornando bem-sucedida. Nunca está só.”

Natalie tentou imaginar a mulher sendo descrita. Leah se sentou na escada.

“Acredite, Pauline é igualzinha.”

158. *Conspiração*

Natalie Blake e Leah Hanwell eram da opinião de que as pessoas queriam que elas se reproduzissem. Parentes, estranhos na rua, pessoas na televisão, todo mundo. De fato a conspiração era mais profunda do que Hanwell imaginara. Blake era uma agente dupla. Ela não tinha a menor intenção de passar por ridícula ao falhar no que quer que se esperasse dela. Para ela, era só uma questão de chegar a hora certa.

159. *Pelo parque*

Leah estava atrasada. Natalie ficou sentada no café do parque, ao ar livre, em uma das mesas de madeira, protegida da garoa por um grande guarda-sol verde. Os primeiros dez minutos ela passou no celular. Conferindo os anúncios, conferindo seu e-mail, conferindo as notícias. Pôs o celular no bolso. Durante outros dez minutos, ninguém falou com ela e ela não falou com ninguém. Esquilos e aves entraram e saíram do seu campo de visão. Quanto mais ficava sozinha, mais indistinta ela se tornava para si mesma. Um líquido

decantado de um frasco. Viu-se escorregar do banco até o chão e tomar a forma de um animal. Andando de quatro, chegava ao final da calçada úmida e pisava na grama e no adubo orgânico. Continuando, mais rápido agora, pegando o jeito pra se locomover de quatro, movendo-se velozmente pelo gramado e pelos morrinhos artificiais, pelo Quiet Garden e pelos canteiros de flores, mato adentro, atravessando a rua e indo até os trilhos do trem, uivando.

“Desculpe, desculpe, desculpe. Linha central. Jesus, isso aqui está que é uma creche.”

Natalie olhou para as crianças e para o caos em todas as mesas e sorriu de forma neutra para a amiga, perguntando-se em que momento do almoço ela deveria dar a notícia a Leah.

160. O tempo acelera

Há um sistema de imagens operando no mundo. Ficamos à espera de uma experiência grandiosa ou brutal o suficiente para abalá-lo ou quebrá-lo completamente, mas esse momento nunca chega de fato. Talvez chegue bem no fim, quando tudo se quebra e nenhuma imagem é mais possível. Na África, presume-se, as imagens que dão forma e sentido à vida e em cujas dimensões a pessoa se projeta — a jornada de filho para chefe, de filha para protetora — provêm do mundo natural e do imaginário coletivo do povo. (Quando Natalie disse “na África”, o que ela quis dizer foi “em um momento anterior do tempo.”) Nessa circunstância, provavelmente haveria algo de belo no alinhamento entre o uno e o múltiplo.

A gravidez trouxe a Natalie apenas mais imagens quebradas da grande massa de detritos culturais que ela absorvia diariamente em uma série de dispositivos diferentes, alguns portáteis, outros não. Comportar-se de acordo com essas imagens a entediava. Desviar delas trazia de volta a velha preocupação. Ela foi ficando cada vez mais preocupada por não estar preocupada com as coisas com que uma pessoa deveria se preocupar. Sua própria tranquilidade a preocupava. Tal estado de espírito parecia não se encaixar no sistema de imagens. Ela bebia e comia como antes e fumava de vez em quando. Recebeu de bom grado, finalmente, a chegada de alguma forma às suas monótonas linhas retas.

Sobre o parto por vir, sua velha amiga Layla, que já tinha três filhos, disse: “É como encontrar a si mesma no final de um beco escuro”.

Não seria esse o caso de Natalie Blake. As drogas que ela solicitou eram surpreendentes, transcendentas; não tão boas quanto ecstasy, mas ainda assim com alguma vaga lembrança da lucidez e da alegria daqueles dias felizes. Ela se sentiu eufórica, como se tivesse saído pra dançar e continuado na discoteca em vez de ir pra casa quando alguém mais sensato sugeria o ônibus noturno. Ela pôs os fones de ouvido e dançou em volta da cama de hospital ao som de Big Pun. Não foi um acontecimento muito dramático. As horas viraram minutos. No momento crucial ela foi capaz de dizer para si mesma, com bastante calma: “Ah, olha, estou dando à luz”.

Isso para dizer que a consciência brutal do real por que ela tinha tanto esperado e que tanto desejara — com a qual ela nem se deu conta de que estava contando — não chegou.

161. *Alteridade*

Houve, porém, um momento — alguns minutos depois do acontecimento, quando já tinham lavado a gosma da criança e a devolvido a ela — em que quase achou que possivelmente sentiu. Olhou para dentro dos olhos escuros e fugidios de um ser que em nenhum aspecto era idêntico ao ente Natalie Blake, um ser que era, em alguma medida, a prova de que tal ente distinto de forma nenhuma existia. E, no entanto, esse ser não era também um atributo de Natalie Blake? Uma extensão? Naquele momento ela chorou e sentiu uma humildade maravilhosa.

Pouco tempo depois houve flores e cartões e fotos e amigos e familiares que chegaram para visitá-la com presentes que demonstravam diferentes graus de gosto e perspectiva, e o misterioso outro de olhos escuros foi substituído por um meigo bebê com pouco mais de três quilos chamado Naomi. As pessoas vieram com conselhos. Os de Caldwell achavam que ia ficar tudo bem desde que você não chegasse a jogar realmente a criança escada abaixo. Os que não eram de Caldwell achavam que nada ia ficar bem a não ser que tudo fosse feito com perfeição e ainda assim não havia nenhuma garantia. Ela nunca tinha ficado tão feliz em ver os de Caldwell. Não conseguiu situar Leah Hanwell neste quadro com precisão, pois é mais difícil caricaturar as pessoas que você mais amou na vida. Leah veio visitá-la com um coelho branco e macio e olhou para Natalie como se ela tivesse atravessado um abismo e entrado em outro mundo.

162. Evidência

Catorze meses depois do nascimento de seu primeiro filho, Natalie Blake teve um segundo. Ele deveria se chamar Benjamin, mas chegou com um pequeno tufo de cabelo no topo da cabeça, como uma espiga, e eles o chamaram Spike durante três dias, e então se lembraram de uma tarde romântica e sem filhos, anos antes, passada assistindo a uma reapresentação de *matinê* de *She's Gotta Have It*.

Frank estava alegre e esquecido de questões práticas, e por um tempo Natalie achou que tinha de tratá-lo como um terceiro filho, um quarto filho — contando com a babá —, a ser controlado e conduzido junto com o resto deles para que o tempo fosse maximizado e todos chegassem aonde precisavam estar. Apenas à própria Natalie era permitido perder tempo, sentada na sua escrivaninha, olhando imagens digitais da sua ninhada. Essa ação, considerada objetivamente, era idêntica às situações em que lhe haviam pedido para examinar fotos de uma cena de crime. Certa manhã, Melanie a pegou no meio desse devaneio e não conseguiu disfarçar sua satisfação. Escondida atrás da imagem de Spike estava outra janela, com anúncios. Natalie se submeteu, irritada, a um abraço.

163. A arquitetura como destino

Para Leah era *sala de estar*, para Natalie, *living*, para Marcia, *sala de descanso*. A iluminação era sempre agradável. E Natalie continuava gostando de ficar diante do janelão e admirar sua vista do parque. Olhando ao redor para as coisas que ela e Frank tinham comprado e colocado nessa casa, Natalie gostava de pensar que elas contavam uma história da vida deles, na qual a realidade da casa em si era secundária, mas claro que também era bastante provável que a casa fosse a realidade incontestável e Natalie, Frank e sua filha fossem apenas personagens de um teatro de sombras humano na parede. Sombras passavam pelas paredes dessa casa desde 1888, estando, vivendo, descansando. Num bom dia Natalie se orgulhava de pequenas diferenças, entre os antigos moradores, os atuais vizinhos e ela própria. Olhe só essas máscaras africanas. Essa arte abstrata de um beco de Kingston. Essa mesa minimalista com quatro cadeiras tipo tronos. Em outras ocasiões — especialmente quando a babá saía com Naomi e ela ficava sozinha na sala amamentando o bebê —,

ela tinha a sensação de derrota de que sua própria sombra era idêntica a todas as outras, e a da casa vizinha, e a da casa ao lado dessa.

Ao longo de toda a rua naquele outono, o som de bebês chorando manteve as luzes acesas até tarde da noite. Na casa de Natalie, no parque, o choque da quebra tirou um pouco do reboco da parede, deixando um buraco em forma de punho, e interrompeu os planos de uma ampliação para o porão. Sem trabalhar e ansiosa por se sentir útil, Natalie Blake esperou até a soneca de Spike, abriu um documento do Word e com um grande senso de propósito digitou o título:

No rastro do dinheiro: O relato de uma esposa

Ela tinha um dom profissional para se expressar, e ouvir os ataques no rádio e na televisão ao que ela considerava ser o bom caráter de seu marido a enfurecia. Como se o pobre Frank — cujo bônus era, proporcionalmente falando, insignificante — não fosse em nada diferente de todos esses bandidos e trapaceiros épicos.

Estava ansiosa para abordar o assunto com ele quando voltasse para casa. Ele ergueu os olhos da marmita.

“Você nunca me perguntou nada sobre meu trabalho, nunca.”

Natalie negou isso, embora no fundo fosse verdade. Em nome do jornalismo, ela insistiu no ponto.

“Não deveria ser uma questão de moralidade individual, não é mesmo? Deveria ser uma questão legal de regulação.”

Frank pôs os pauzinhos na mesa: “Por que estamos falando disso?”

“É a história. Você é parte dela.”

Frank negou ser parte da história. Voltou ao seu *chow mein*. Mas não havia quem segurasse Natalie Blake.

“Muitos dos nossos associados escrevem artigos on-line hoje em dia para os jornais. Ensaios. Eu deveria fazer mais coisas desse tipo. Pelo menos é algo que posso fazer em casa.”

Frank assentiu para o controle remoto. “Podemos ver TV agora? Estou morto de cansaço.”

Não havia alívio disponível na televisão.

“Desligue”, disse Frank, depois de cinco minutos de noticiário. Natalie desligou.

“Se a City fechasse amanhã”, disse Frank, sem olhar para a esposa, “este país entraria em colapso. Fim da história.”

No andar de cima o bebê começou a chorar.

Ao longo dos dias que se seguiram, Natalie conseguiu acrescentar apenas mais duas linhas à sua tentativa de crítica social:

Tenho plena ciência de que não sou o que a maioria das pessoas imagina quando pensa na “esposa de um banqueiro”. Sou uma mulher negra altamente instruída. Sou uma advogada bem-sucedida.

Ela pôs a culpa do seu lento progresso em Spike, mas na verdade a criança dormia bem e Natalie tinha a polonesa, Anna. Ela tinha tempo de sobra. Uma semana depois, enquanto se ocupava com seu e-mail, reparou no documento no desktop e silenciosamente o transferiu para uma parte do computador onde não ia facilmente topar com ele de novo. Ela viu televisão na sala de estar e amamentou o filho. Estava escurecendo cada vez mais cedo. As folhas ficavam marrons, laranjas e douradas. As raposas gritavam. Às vezes ela conferia os anúncios. Os rapazes na televisão limpavam suas escrivatinhas. Saíam segurando suas caixas na frente do corpo como se fossem escudos.

164. *Geminada*

Toda vez que ela voltava ao trabalho, o desafio se mostrava perfeitamente claro: fazer acontecer de forma a parecer que aquilo nunca tinha acontecido. Muito se falava sobre esse fenômeno no suplemento dominical “Mulher”, e Natalie lia esse material com interesse. A chave para tudo era a administração do tempo. Por sorte, administrar o tempo era o dom de Natalie. Ela descobriu que se poupava uma grande quantidade de tempo por simples ambivalência. Não tinha opiniões fortes sobre o que crianças pequenas comiam, vestiam, viam, ouviam, ou que tipo de recipiente utilizavam para tomar leite ou alguma coisa diferente de leite.

Em outras ocasiões, ela se surpreendia ao encontrar a si mesma no final de um beco escuro. Enchia-a de pânico e raiva encontrar os filhos mimados

sentados no chão, vendo imagens do passado, movendo imagens, deles mesmos, no celular do pai, uma experiência de autoconsciência literalmente desconhecida na história da existência humana — afora o sonho e o milagre — até pouquíssimo tempo atrás. Até pouco antes do agora.

165. *Marcações cênicas*

Interior. Noite. Luz artificial.

À esquerda e à direita, no fundo, uma janela pequena e alta. Cortina fechada.

Na frente, à direita, uma porta, entreaberta. Estantes de livros à esquerda e à direita.

Escrivaninha simples. Cadeira dobrável. Livros sobre a cadeira.

Nat entra pela porta. Olha para a janela. Vai até a janela.

Abre a cortina. Fecha a cortina. Sai. Volta. Sai.

Uma pausa.

Retorna com urgência, abre a cortina. Tira os livros da cadeira. Senta. Levanta.

Vai até a porta. Volta. Senta. Abre o laptop. Fecha. Abre.

Digita.

FRANK: [voz mecânica, fora de vista] Cama. Vem? [pausa] Vem?

NAT: Sim. [digita rapidamente] Não. Sim.

166. *O tempo acelera*

Agora que havia tanto trabalho a fazer — agora que toda a vida dela tinha se tornado essencialmente trabalho —, Natalie Blake sentia uma calma e uma satisfação que só tinha experimentado antes durante a bateria de exames para a universidade ou um prejulgamento. Se ao menos pudesse desacelerar a coisa toda! Ela tivera oito por uns cem anos. Teve trinta e quatro por sete minutos. Com muita frequência se lembrava de um diagrama em giz desenhado num quadro-negro, muito tempo atrás, quando as coisas se moviam num ritmo razoável. Um mostrador de relógio, simbolizando a história do universo num intervalo de doze horas. O big bang aconteceu ao meio-dia. Os dinossauros chegaram em algum momento no meio da tarde. Tudo o que estava relacionado ao homem entrava nos cinco minutos antes da meia-noite.

167. *Dúvida*

Spike começou a falar. O que ele mais gostava de dizer era: “Esta é minha mamãe”. A ênfase variava. “Esta é *minha* mamãe. Esta é minha *ma-mãe*. Esta é minha mamãe.”

168. *Fim de partida no mercadinho africano*

Ela sentia um novo desejo por algo diferente do mero impulso para a frente. Queria conservá-lo. Para tanto, começou a sair em busca da comida de sua infância. Nas manhãs de sábado, logo depois de passar no enorme supermercado britânico, subia a avenida aos trancos e barrancos com duas crianças num carrinho duplo e nenhuma ajuda para ir até o pequeno mercadinho africano e comprar coisas como inhame, bacalhau e banana-da-terra. Chovia. Chuva horizontal. Ambas as crianças berravam. Poderia haver miséria maior que a dela?

Naomi jogava coisas no carrinho do supermercado. Natalie tirava. Naomi jogava de volta. Spike fazia cocô na calça. As pessoas olhavam para Natalie. Ela olhava para as pessoas. Olhares de paranoia e desprezo iam e voltavam. Estava um gelo lá fora, um gelo aqui dentro. Conseguiram entrar numa fila. Mal e mal. Mal e mal conseguiram isso.

“Eu te conto uma história, Nom-Nom, se você parar com isso, eu te conto uma história. Você quer ouvir minha história?”, perguntou Natalie Blake.

“Não”, disse Naomi De Angelis.

Natalie limpou o suor frio da testa com o cachecol e ergueu os olhos para ver se alguém estava admirando sua calma maternal diante de uma provocação tão insuportável. A mulher à sua frente na fila entrou no seu campo de visão. Ela estava esvaziando os bolsos no caixa, disposta a abrir mão deste e daquele item. Seus filhos, quatro crianças, encolhiam-se em volta de suas pernas.

Natalie Blake tinha esquecido completamente como era ser pobre. Era uma linguagem que perdera a capacidade de falar, ou até de entender.

169. *Almoço com Layla*

Sua velha amiga Layla Thompson agora se chamava Layla Dean. Ela

tinha saído da igreja muitos anos atrás. Trabalhava numa emissora de rádio negra e asiática como diretora da programação musical. Estava casada com um homem que era dono e gerente de dois cibercafés/copiadoras em Harlesden. Damien. Três filhos. Toda vez que Natalie Blake entrava numa discussão sobre educação (ela com frequência tinha esse tipo de discussão), mencionava sua velha amiga Layla como um exemplo positivo de tudo o que estava tentando dizer.

Quando usava Layla como um exemplo positivo nesse sentido, geralmente deixava de dizer que não via Layla havia uns dois anos. Layla estivera tendo filhos e Natalie não estivera tendo filhos, e durante esse período Natalie tinha achado difícil almoçar com Layla, as preocupações da amiga parecendo tão míopes, tão estreitamente focadas. Agora que Natalie tinha seus próprios filhos, ocorreu-lhe que ela realmente ia adorar voltar a almoçar com Layla de vez em quando. Havia tantas coisas que poderia dizer a Layla e que não tinha podido dizer a mais ninguém. O almoço foi marcado. E agora ela se via falando muito rápido e aproveitando ao máximo a hospitalidade da amiga neste belo restaurante de culinária afro-americana na Camden High Street. Havia a sensação de que ela não conseguia falar rápido o suficiente para pôr pra fora todas as coisas que queria dizer.

“*É um alívio tão grande não precisar fingir que estou interessada no noticiário*”, disse Natalie Blake, citando outra mulher e comendo uma pequena concha de porcelana cheia de camarões com leite de coco. “E eu simplesmente fiquei sentada num círculo com aqueles doidos pensando: não pertencço a este lugar. Me mostrem a saída. Preciso de pessoas com quem eu possa sair pra dançar.” Do lado de fora, um carro passou tocando “Billie Jean”.

“Eu saio para dançar com você, Natalie.”

“Obrigada! Tem uma noite de hip-hop da velha guarda em algum lugar de Farringdon, meu irmão que me disse. Podemos ir no próximo sábado. Posso chamar minha amiga Ameeta. É melhor do que cantar ‘Old Macdonald’.”

“Eu gosto desses cursos para crianças. Costumava ir sempre.”

“Deste não dá pra gostar. É todo chique. Mas o que eu realmente não suporto é quando todos eles...”, começou Natalie, e continuou assim durante a maior parte do prato principal. Homens traziam ponche, eles traziam ponche. O copo dela nunca estava meio vazio ou meio cheio, mas sempre

enchendo. Homens traziam ponche. Do lado de fora, um carro passou tocando “Don’t Stop ’Til You Get Enough”.

“Como?”, perguntou Natalie Blake. Ela realmente estava bêbada demais para voltar ao escritório. Sua amiga Layla sorria, com um quê de tristeza. Ela olhava para a toalha da mesa.

“Nada. Você não mudou nada.”

Natalie estava no meio de uma mensagem para Melanie para avisá-la que só retornaria na manhã seguinte.

“Certo. Não é como se você tivesse de se tornar outra pessoa só porque...”

“Você sempre quis deixar claro que não era como o resto de nós. E continua fazendo isso.”

Um garçom se aproximou para oferecer sobremesa. Natalie Blake, embora ávida por uma, achou que não poderia realmente pedir agora. Ela estava apavorada. Seu coração batia freneticamente. Sentiu um impulso escolar de dedurar Layla Dean nascida Thompson ao garçom. Layla está me tratando muito mal! Ela me odeia! Do lado de fora, um carro passou tocando “Wanna Be Startin’ Somethin’”.

Layla não olhou para o garçom e depois de um momento ele se afastou. Ela segurava um grosso guardanapo branco que torcia com as duas mãos.

“Mesmo quando costumávamos fazer aquelas músicas você estava comigo e ao mesmo tempo definitivamente não estava comigo. Se mostrando. Falsa. Fingida. Sinalizando para os garotos na plateia, ou fazendo sei lá o quê.”

“Layla, do que você está falando?”

“E continua fazendo isso.”

170. Fantasiada

Fantasia de filha. Fantasia de irmã. Fantasia de mãe. Fantasia de esposa. Fantasia de advogada. Fantasia de rica. Fantasia de pobre. Fantasia de britânica. Fantasia de jamaicana. Cada uma exigia um guarda-roupa diferente. Mas, quando considerava essas atitudes diversas, ela se esforçava para pensar em qual seria a mais autêntica, ou talvez a menos falsa.

171. Eu, eu mesma e euzinha

Natalie pôs Naomi no bebê conforto e apertou o cinto. Natalie pôs Spike

no bebê conforto e apertou o cinto. Natalie subiu no carro gigante. Natalie fechou todas as janelas. Natalie ligou o ar-condicionado. Natalie pôs *Reasonable Doubt* pra tocar. Natalie instruiu Frank a pôr no mudo blasfêmias explícitas quando e se elas surgissem.

172. *Coletâneas*

Descendo pela Kilburn High Road, Natalie Blake sentiu um forte desejo de entrar na vida de outras pessoas. Era difícil saber como esse desejo poderia ser satisfeito de forma prática ou o que, pelo menos, realmente significava. “Entrar” é um pensamento impreciso. Seguir a criança somali até em casa? Sentar com a velhinha russa no ponto de ônibus em frente à Poundland? Juntar-se ao gângster ucraniano na sua mesa na confeitaria? Uma dica local: o ponto de ônibus em frente à Poundland de Kilburn é o local onde se pode ouvir muitas das conversas mais interessantes na cidade de Londres. De nada.

Ouvir não era suficiente. Natalie Blake queria conhecer as pessoas. Estar intimamente envolvida com elas.

Enquanto isso:

Todo mundo tanto no trabalho de Natalie quanto no de Frank estava intimamente envolvido com a vida de um grupo de afro-americanos, a maioria homens, que jogaram tubos de crack de vinte dólares no matagal entre uma série de prédios horrivelmente projetados numa cidade triste e esquecida e com uma das maiores taxas de homicídio dos Estados Unidos. O fato de todo mundo estar tão intimamente envolvido com as vidas desses rapazes incomodava Frank, embora ele não conseguisse realmente dizer o porquê disso, e em protesto ele eximiu a si mesmo e sua esposa do que era, segundo diziam, uma experiência de êxtase popular televisiva.

Enquanto isso:

Natalie Blake conferia seu anúncio. Respondia às respostas.

173. *No parquinho*

Você não pode fumar num parquinho. É uma coisa óbvia. Qualquer pessoa semicivilizada sabe disso.

Sim, concordou Natalie. Sim, claro.

Ele continua fumando?, perguntou a velhinha branca.

Natalie se inclinou para a frente no banco. Ele continuava fumando. Cerca de dezoito anos de idade. Estava com outros dois garotos: um garoto branco com um problema terrível de acne e uma garota muito bonita num conjunto de moletom cinza e um Nike amarelo neon. A garota estava fazendo o que Natalie e seus amigos costumavam chamar de “relaxar” ou “ficar de boa” — isto é, ela estava sentada entre as pernas do garoto branco com os cotovelos apoiados nos joelhos dele, num abraço preguiçoso de verão. E eles ficavam bem juntos, relaxando no gira-gira. Mas não dava para negar: o garoto fumante estava no gira-gira. Fumando.

Vou dar uma boa bronca neles, disse a velhinha branca. Eles são todos daquele maldito conjunto habitacional.

A velhinha foi até lá e na mesma hora Naomi saiu correndo da piscina infantil, jogando-se nos braços da mãe e gritando TOALHA TOALHA TOALHA. Caso você esteja se perguntando, esta era de fato a mesma piscina onde o acontecimento dramático tinha ocorrido, muitos anos antes. Natalie Blake enrolou uma toalha em volta da filha e pôs chinelos nos pés dela.

A velhinha voltou.

Ele continua fumando? Foi muito grosso comigo.

Sim. Disse Natalie Blake. Continua fumando.

APAGUE ISSO, gritou a velhinha.

Natalie pegou Naomi no colo e foi andando na direção do gira-gira. Enquanto se aproximava, uma mulher de meia-idade, uma rasta incrível com um enorme chapéu zulu, juntou-se a ela. As duas pararam diante do gira-gira. A rasta cruzou os braços sobre o peito.

Você precisa apagar isso. Estamos num parquinho, disse Natalie.

AGORA. Disse a rasta. Você nem deveria estar aqui. Ouvi o jeito como falou com aquela senhora. É uma mulher de idade que deve ser respeitada. Você deveria se envergonhar.

Apague isso e pronto, disse Natalie. Minha filha está aqui, disse Natalie, embora ela realmente não tivesse fortes convicções sobre fumantes passivos, principalmente quando num espaço aberto.

Olha, se alguém me desrespeita, disse o garoto, eu vou é mandar a pessoa parar de encher a porra do meu saco. E ela por acaso me tratou com respeito? Não minta, porque eles todos te ouviram e não, você não fez isso.

VOCÊ NÃO PODE FUMAR NUM PARQUINHO, gritou a velhinha. Do banco.

Mas por que ela fica me tratando desse jeito?, quis saber o garoto.

Ela tem razão!, insistiu a Rasta.

Apague isso e pronto, disse Natalie. Estamos num parquinho.

Olha, eu não tenho a educação de vocês daqui. Esta não é a minha área. A gente não tem a educação de vocês daqui. Do Queen's Park. Vocês na verdade nem podem conversar comigo. Sou de Hackney, então.

Esta foi uma jogada insensata, retoricamente falando. Até a garota relaxando soltou um gemido.

Ah, NÃO. Disse a rasta. Não, você não disse isso. Não não não. Está tirando com a minha cara? *Sou de Hackney?* Então? ENTÃO? Olha, você pode até tentar zoar com essas pessoas, mas não pode zoar comigo, querido. Eu te conheço. Profundamente. Não sou de Queen's Park, meu bem, sou de HARLESDEN. Por que você falaria de você mesmo desse jeito? Por que falaria da sua área desse jeito? Ah, agora você me tirou do sério, garoto. Eu sou de Harlesden — educadora certificada. Vinte anos. Sinto vergonha de você. Você é o motivo de nós estarmos onde estamos agora. Que vergonha. Que vergonha!

Tá tá tá tá tá tá. Disse o garoto. A garota riu.

Você acha isso engraçado? Disse a rasta. Continue rindo, minha irmã. Aonde você acha que isso vai dar? Disse a rasta para a garota.

Eu? Mas nem estou envolvida! Por acaso eu tenho alguma coisa a ver com isso?

Não, disse Natalie. Não. Não. NÃO.

Mamãe não grita!, disse Naomi.

Natalie não sabia por que estava gritando. Ela começou a temer que estivesse fazendo um papel ridículo.

Sinto pena de vocês, na verdade. Disse um indiano que até então não estava envolvido e que se juntou ao círculo do julgamento. Obviamente são jovens muito infelizes e insatisfeitos.

Ah, não acredito, nem comece com essa merda!, gritou a garota.

O garoto branco com quem ela estava relaxando olhou para toda aquela gente reunida e arregalou os olhos. Ele começou a rir.

Vocês me fazem rir, ele disse.

Como é que as coisas chegaram a este ponto?, perguntou a garota, rindo. Eu só estou sentada aqui, de boa! O que é que eu tenho a ver com isso? Mar-

cus, cara, você atrai essas coisas. Agora é contigo. Quando eu menos esperar vou estar no maldito *Jeremy Kyle*.

Por que vocês estão rindo?, perguntou a velhinha branca, que agora tinha se juntado ao resto do grupo, perto do gira-gira. Não vejo nenhuma graça nisso.

Ah, cara, isso não acaba nunca, disse a garota. Essa aí voltou agora. A velha coroca não larga o osso de jeito nenhum. Que loucura!

Tudo isso?, perguntou Marcus. Por um cigarro? Mas será que realmente vale a pena? Voltem pros seus lugares e se acalmem. Vão cuidar das suas vidas. Vai sentar, cara.

Idiotas, disse a garota.

Apague isso e pronto, cara, disse Natalie. Ela não terminava uma frase com “cara” há um bom tempo.

Ei, Marcus, disse a garota. Apaga esse cigarro, por favor, faz essa mulher calar a boca. Isso já está ficando ridículo.

Você deveria se envergonhar, disse a velhinha branca.

Eu estava disposta a conversar com você, viu?, disse a rasta. De adulto para adulto e tentar entender seu ponto de vista. Mas pra mim aquela baboseira toda foi a gota d’água. Que vergonha, irmão. E o triste é que eu sei aonde isso vai dar.

Não se preocupe comigo, disse Marcus. Tenho meu ganha-pão. Vivo bem.

Marcus ergueu o colarinho da camisa. O gesto não foi convincente.

Tenho meu ganha-pão, vivo bem, repetiu Natalie. Seus lábios se arreganhavam num rosnado. Tenho meu ganha-pão, vivo bem, ela repetiu. Ah, sim, tenho certeza de que é o caso. Sou advogada, irmão. Isso é ter um ganha-pão. Isso é ter um ganha-pão de verdade.

Estas pessoas são doentes da cabeça, disse a garota.

Se ela viesse e me pedisse com respeito, tá? Eu simplesmente teria apagado, argumentou Marcus. Na verdade eu sou um cara inteligente. Mas quando alguém não me respeita então eles estão me desrespeitando e então eu vou mais é meter o pau.

Se você tivesse qualquer respeito próprio ou autoestima, argumentou Natalie, uma pessoa te pedindo para apagar um cigarro num maldito parquinho não soaria como um ataque ao seu precioso ego.

Uma pequena multidão tinha se formado, de outros pais, cidadãos preocupados. Esse último argumento de Natalie foi um enorme sucesso, e ela

sentiu que sua vitória era tão garantida quanto se um júri tivesse engasgado diante de um arquivo de fotos na sua mão. Tranquilizando-se com o triunfo, ela acidentalmente trocou um olhar longo demais com Marcus — o que por um breve momento a fez gaguejar —, mas logo encontrou um vazio acima do ombro direito dele e dirigiu todos os seus comentários seguintes para esse ponto de fuga. Em torno deles, a discussão se dividiu em bate-bocas menores. A garota discutia com a velhinha. Seu namorado discutia com a rasta. Várias pessoas se juntaram a Natalie para continuar gritando com o pobre Marcus, que a essa altura tinha terminado seu cigarro e parecia absolutamente exausto.

174. *Pêssego, peônias*

Ela não estava conseguindo encontrar o endereço e passou direto várias vezes. Era uma porta discreta com um painel de vidro duplo, espremida entre a Habitat e a Waitrose na Finchley Road. Caindo aos pedaços, um prédio da década de 1930. Ela apertou o botão e na hora abriram a porta. Parou para examinar algumas flores de plástico no hall, extraordinárias na sua verossimilhança. Quatro andares, nenhum elevador. Natalie Blake ficou parada diante da porta do apartamento por um bom tempo. Para conseguir tocar a campainha, teve de executar uma ação que mais tarde descreveu para si mesma como “sair do próprio corpo”. Através do vidro ela podia ver um carpete e paredes cor de pêssego, além de um canto da sala de estar onde havia um sofá branco e macio de couro, com pernas e braços de nogueira. De frente para o sofá avistou uma cadeira e um pufe gigante combinando, ambos no mesmo estilo. Sobre uma mesinha havia um jornal. Apertou os olhos para ver qual era e concluiu que se tratava de uma cópia do *Daily Express*, parcialmente escondida por um telefone antigo com disco giratório, num tom creme e com um fone de latão. Pensou no anúncio, que descrevia esse casal como sendo “de alto nível”. Dois corpos se aproximaram da porta. Ela os viu claramente através do vidro. Muito mais velhos do que tinham dito. Na casa dos sessenta. Pele horrorosa, branca e enrugada, com veias azuis. Todo mundo procura uma MN 18—35. Por quê? O que eles acham que a gente pode fazer? O que é que a gente tem que eles querem? Ela os ouviu chamando: Volte aqui!

175. *Golders Green Crematorium*

Não era difícil para Natalie Blake se vestir para um funeral. A maior parte de suas roupas tinha um aspecto fúnebre. Era mais difícil vestir as crianças, e ela fez com que isso fosse o foco de sua ansiedade, batendo portas de armário e jogando no chão o que quer que ficasse no caminho.

No carro, seu marido Frank De Angelis perguntou: “Ele era um bom homem?”.

“Não sei o que isso quer dizer”, respondeu Natalie Blake.

Ao entrarem no estacionamento, não havia um único rosto no retrovisor que ela não reconhecesse, ainda que tivesse esquecido os nomes. Gente de Caldwell, gente de Brayton, gente de Kilburn, gente de Willesden. Cada um marcando uma época específica. Certamente ela, também, não era mais do que uma forma narcisista de relógio para eles. E ainda assim. Desceu do carro para o pátio. Uma amiga de sua mãe tocou-lhe no braço. Ela foi na direção do jardim memorial. Um homem que dirigia a Associação de Moradores de Caldwell pôs sua enorme mão no pescoço dela e o apertou. Seria possível não sentir apenas desprezo pelas pessoas que marcavam o tempo para você? Seria possível amá-las também? “Você está bem, Keisha?” “Natalie, bom te ver.” “Tudo bem, querida?” “Srta. Blake, quanto tempo.” O estranho cumprimento em reconhecimento que as pessoas trocam em funerais. Não só Colin Hanwell estava morto, mas uma centena de pessoas que tinham compartilhado os mesmos quilômetros quadrados de ruas com o homem agora reconheciam essa relação, que era ao mesmo tempo íntima e acidental, próxima e distante. Natalie não tinha realmente conhecido Colin (não era possível ter realmente conhecido Colin), mas ela soube o que era conhecer Colin. Ter Colin como um objeto apresentado à sua consciência. Assim como todas essas pessoas.

Pessoas falavam. Pessoas cantavam. *And did those feet, in ancient times.* Natalie foi obrigada a ficar indo e voltando conforme cada um dos filhos se metia em alguma confusão. Finalmente a cortina abriu e o caixão desapareceu. Dusty Springfield. Há coisas que você só tem como ficar sabendo sobre as pessoas depois que elas morrem. Enquanto a congregação saía, Leah ficou postada na porta com a mãe. Ela vestia um conjunto de saia longa e blusa preta horrível que alguém provavelmente lhe emprestara. Natalie podia ouvir estranhos bem-intencionados incomodando Leah com lembranças longas e

irrelevantes. Contando histórias. “Obrigada por ter vindo”, dizia Leah, mecanicamente, para cada pessoa que passava. Ela parecia muito pálida. Nenhum irmão. Nenhum primo. Apenas Michel para ajudar.

“Ah, Leah”, exclamou Natalie quando chegou a sua vez, chorando e abraçando com força sua boa amiga Leah Hanwell. Se ao menos alguém tivesse forçado Natalie Blake a ir a um funeral todos os dias da sua vida!

176. *Alheamento*

O Conjunto Habitacional Cranley, Camden. Mais N do que NW. Um homem magricela que se autodenominava “JJ” e que era muito parecido com o tio Jeffrey. E uma garota iraniana, com um apelido igualmente improvável: “Docinho”. Eles tinham pouco mais de vinte anos, desastres. Natalie Blake imaginou crack, mas poderia facilmente ser metanfetamina ou alguma outra coisa também. Docinho tinha um dente faltando. A sala de estar deles mal e mal merecia o nome. Futon asqueroso e imundo, tv ligada o tempo todo. O lugar fedia a erva. Eles estavam sentados em pufes, quase inconscientes, assistindo a *Topa ou não topa*. Eles não pareciam nervosos. JJ disse: Senta aí e relaxa um pouco. Acabei de chegar e estou um caco. Ele não apontou uma cadeira. Sempre afável, Natalie Blake encontrou um lugar no chão entre os dois.

Ela tentou se concentrar no programa de televisão, sem nunca tê-lo visto antes. Seu celular não parava de tocar com mensagens do trabalho. JJ tinha uma teoria da conspiração elaborada sobre a ordem das caixas. A única coisa a fazer era aceitar o baseado e se deixar levar pela maconha. Rapidamente ela perdeu a noção do tempo. Em algum momento eles pararam de ver tv e JJ começou a jogar videogame: trasgos e espadas e elfos falando bobagens. Natalie pediu licença para ir ao banheiro. Ela abriu a porta errada, viu uma perna, ouviu um grito. Esse aí é o Kelvin, disse JJ, ele está ficando aqui por uns dias. Ele trabalha à noite.

O assento do vaso era de acrílico translúcido com um desenho de peixinho dourado. A água da torneira era marrom. Head & Shoulders. Radox. Ambos vazios.

Natalie voltou devagar. JJ estava ocupado falando para a tela. Me diga onde está o armazém de grãos do maldito. Uma camponesa enigmática sorriu de volta para ele. Natalie tentou entabular conversa. Ele já tinha feito algo

assim antes? Algumas vezes, ele disse, quando não há porra nenhuma pra fazer. Mas geralmente as pessoas são feias pra cacete e eu expulso elas antes que cheguem na porta. Ah, disse Natalie. Ela esperou. Nada. Docinho, entediada, voltou-se para sua hóspede. O que você faz da vida, Keisha? Você parece uma boa garota. Sou cabeleireira, disse Natalie Blake. Ah! Escuta, ela corta cabelo. Que legal. Eu sou do Irã. JJ fez uma careta: Eixo do Mal! Docinho deu um tapa nele, mas com carinho. Ela acariciou o rosto de Natalie: você acredita em aura, Keisha?

Mais maconha foi enrolada e fumada. Em algum momento Natalie lembrou que Frank também ia trabalhar até tarde. Ela mandou uma mensagem para Anna e a subornou com o pagamento de um período e meio para ficar até as onze e pôr as crianças pra dormir. JJ chegou a um castelo onde recebeu uma nova lista de tarefas. Docinho começou a se perguntar em voz alta sobre um pó de MDMA que ela tinha deixado num papel de chiclete em algum lugar. Natalie disse: acho que não vai rolar realmente, né? JJ disse: provavelmente não, pra ser sincero.

177. *Inveja*

Leah queria que Natalie Blake falasse a uma associação de jovens negras num leilão beneficente que Leah tinha ajudado a financiar. Não parava de falar nisso. Mas o salão que eles tinham conseguido alugar para o evento ficava ao sul do rio.

“Eu não vou pro sul”, protestou Natalie Blake.

“É por uma causa realmente boa”, insistiu Leah Hanwell.

Natalie Blake agradeceu Leah pela apresentação e postou-se na frente do pódio. Ela fez um discurso sobre administração do tempo, identificar objetivos, trabalhar duro, respeitar a si mesma e ao parceiro e sobre a importância de uma boa educação. “Qualquer coisa baseada puramente na materialidade está fadada ao fracasso”, ela leu. “Para sobreviverem, suas ambições precisam estar focadas na mesma direção.” Algum dia ela provavelmente se veria tendo de dizer algo assim para Leah. Não nesse exato momento, mas algum dia. Ela ia amenizar, claro. Pobre Leah.

Entre o início da página dois e o começo da página três, ela deve ter lido em voz alta e falado coisa com coisa, deve ter parecido haver alguma linearidade ininterrupta — ninguém na plateia olhava para ela como se fosse doi-

da —, e no entanto ela se pegou com a mente vagando para quadros obscenos. Ficou se perguntando o que Leah e Michel, que pareciam estar sempre se tocando, faziam na privacidade do quarto. Orifícios, posições, clímaxes. “E foi por ter recusado estabelecer para mim mesma limites artificiais”, explicou Natalie Blake para a associação de jovens negras, “que fui capaz de alcançar todo o meu potencial.”

178. *Colmeia*

A agradável voz saiu pelos alto-falantes no café do parque. Natalie Blake e sua amiga Leah Hanwell já há muito tempo tinham concordado que essa voz tinha o som de Londres — especialmente de suas áreas ao Norte e ao Noroeste —, como se a dona dessa voz fosse a santa padroeira dos bairros daquela região. A voz é algo que você pode possuir? A filha de Natalie e várias outras crianças saltavam e dançavam ao som da música enquanto seus pais discretamente balançavam a cabeça. Fazia sol. Infelizmente Leah Hanwell estava, como de costume, atrasada, e logo a música acabou e Naomi estava gritando alguma coisa e Spike tinha acordado e Leah tinha perdido uma demonstração perfeitamente encenada da alegria da vida — da vida familiar em particular. “Ela está muito deprimida”, disse Natalie para Frank enquanto eles esperavam. “Ela acha que eu não percebo. Eu percebo. Completamente presa. Estagnada. Parece que não consegue sair desse buraco no qual está presa.” Mas assim que disse isso ela foi confrontada com a possibilidade de que esse juízo tinha meramente surgido a partir da música, era no fundo apenas um verso final que a própria Natalie tinha acrescentado no calor do momento, e que ao dizer aquilo em voz alta ela tinha feito um papel ridículo. Frank ergueu os olhos do jornal e encontrou o rosto de Natalie naquele estado de calamidade. “Leah e Michel são as pessoas mais felizes do mundo”, ele disse.

Algum tempo depois, Natalie viu a cantora sendo entrevistada na televisão: “Quando eu era criança, nem de longe achava que tinha algo especial. Achava que todo mundo podia cantar”. Sua voz era o mesmo milagre que Natalie tinha ouvido uma vez, pela janela de um bar, em Camden. Mas a mulher que possuía ou não aquela voz tinha praticamente desaparecido. Natalie ficou olhando para a garotinha de pernas tortas, mal e mal estando ali, quase nada.

179. *Aforismo*

Como o dom é uma coisa difícil para uma mulher! Ela vai se punir por tê-lo recebido.

180. *Todos os confortos modernos*

O encantador Primrose Hill. Depois de muita negociação por e-mail, foi marcado um encontro durante o dia: três horas. A mulher abriu a porta da frente e disse: Ufa! Alongamento, robe, saltos, bonita, inegavelmente africana. Seu principal objetivo era passar um braço em volta de Natalie Blake e fazê-la entrar na gigantesca casa antes que alguém visse. Elegantemente, Natalie seguia o mesmo tema: argolas douradas, saia jeans, botas de camurça com franja, o elástico no cabelo com dados em preto e branco, e suas roupas de trabalho numa mochila nas costas. Vendo-se de relance num enorme espelho com moldura dourada no hall, ela se achou convincente. A essa altura estava determinada. Pelo menos elas eram atraentes. Natalie Blake ainda acreditava que o que importava era a atração.

Verde Utopia (fosco) da Farrow & Ball no hall. Escultura africana de parede. Obras minimalistas modernas. Um disco dourado emoldurado. Uma foto de Marley emoldurada. A capa de um jornal emoldurada. Uma espécie de “bom gosto” horrível por todo o lugar. Natalie Blake olhou para cima e viu o marido ou namorado no topo da escada. Ele era especialmente bonito, a cabeça raspada, o corpo benfeito. Um casal bem-apeado, os dois se pareciam. Como algo saindo de uma propaganda americana de seguro de vida. Ele sorriu para Natalie revelando um monte de dentes, branquíssimos e perfeitamente alinhados. Roupão de seda. Cafona. Estamos tão felizes por ter você aqui, Keisha, não tínhamos certeza de que você era real. Dá para acreditar que ela é real? É bom demais para ser verdade. Suba aqui, irmã, pra que eu possa dar uma boa olhada em você. Música soul tocando no andar de cima. Cadeira Bloom de bebê, alta, edição limitada de 2009, levitando na cozinha feito uma estação especial. MacBook Air aberto na mesa da cozinha. Um Mac mais antigo fechado na escada. Ele estendeu a mão. Sua casa é linda, disse Natalie Blake. Você é linda, disse ele. Natalie sentiu a mão da esposa ou namorada na sua bunda.

No andar de cima ela foi apresentada a uma cama-trenó, do tipo que

estava na moda há uns cinco anos. A sapateira estava aberta. Solas vermelhas do teto ao chão. Acima da cama eles tinham aquele mapa de metrô mais do que conhecido com as paradas substituídas por ícones do milênio passado, apresentados em cliques e movimentos. Natalie procurou Kilburn: Pelé. Sobre a cama um iPad no qual passava pornografia, sexo a três, e essa foi a primeira vez na vida que Natalie viu tal aparelho. Duas garotas se fodiam enquanto um homem estava sentado numa escrivaninha com o pau na mão. Eram todos alemães.

A bela mulher africana não parava de falar. De onde você é? Está na faculdade? O que você quer ser na vida? Não desista nunca. O segredo é sonhar grande. Ter ambições. Trabalhar duro. Não aceitar não como resposta. Ser exatamente quem você quer ser.

Quanto mais Natalie Blake ficava ali parada, totalmente vestida e sem responder, mais nervosos eles ficavam, e mais eles falavam. Finalmente Natalie pediu para usar o banheiro da suíte. Ela entrou numa banheira vitoriana recuperada, revestida em bronze e porcelana, da Water Monopoly. Sabia que não havia mais o que fazer ali. Recostou-se. Acqua di Parma. Chanel. Molton Brown. Marc Jacobs. Tommy Hilfiger. Prada. Gucci.

181. Feriado de Páscoa

Anna tinha ido à Polônia por alguns dias para visitar a família, mas agora o vulcão significava que ela não poderia voltar. Natalie pesquisou no Google. Ela ficou olhando para a enorme nuvem de fumaça.

“Você é mais flexível do que eu”, argumentou Frank, e saiu de casa. O porão estava de volta à ativa. Empreiteiros tomavam conta do lugar. Frank tinha trabalhado duro para pôr as coisas de volta nos trilhos. Ambos tinham. Eles mereciam tudo o que estavam recebendo.

Tem mais chá, querida? Melhor manter essas crianças longe, elas podem acabar se machucando. Por acaso não tem um biscoitinho sobrando aí?

Por volta das dez da manhã ela se viu presa numa caixa pintada de branco com duas pessoas misteriosas de olhos escuros que pareciam querer alguma coisa dela que ela não fazia ideia de como descobrir o que era e como lhes dar. Homens de colete laranja entravam e saíam. Acabou o leite, querida. Tem um pouco de geleia? Ela pegou as duas crianças nos braços e saiu desse cantinho de obras, sua cozinha. Levou-as para o apartamento de sua mãe. Para o

parque. Para o zoológico. Para o mercado de Kilburn. Para o mercadinho africano. Para a Toys R Us de Cricklewood. Para casa.

Naomi relatou essa odisséia para o pai delas com muito mais detalhes quando ele voltou para casa.

“Você é maravilhosa”, disse Frank, dando um beijo na bochecha de Natalie Blake. “Eu teria só ficado sentado aí matando o tempo, jogando com eles o dia todo.”

182. *Amor nas ruínas*

Eles eram bons rapazes e estavam claramente atônitos com o fato de alguém ter respondido a um anúncio com aquela premissa. Natalie tinha certeza de que eles deviam ter postado quando estavam chapados. Primos? Irmãos? Uma casa geminada da década de 1950, em Wembley, de frente para a North Circular, com vidro duplo em praticamente todas as janelas. Era uma casa de família sem uma família. O que a garotada de Brayton costumava chamar de “casa de tio de mercearia”. Natalie Blake não conseguia explicar por que ela sabia que eles não iam matá-la. Ela tinha de reconhecer em si mesma uma crença totalmente irracional de que a questão de alguém ter ou não intenções assassinas em relação a você é uma daquelas coisas que você “simplesmente sabe” sobre as pessoas. Com certeza ajudava o fato de que quando eles abriram a porta pareciam mais assustados que ela. Minha nossa. Eu te disse, Dinesh. Eu te disse. Eu te disse que não era um cara. Entre, meu bem. Entre, Keisha. Minha nossa. Você é magrinha e coisa e tal. Por que você tá falando isso! Por que não? Ela sabe e a gente sabe. Ela sabe e a gente sabe. Nenhuma novidade. Minha nossa! Vá por ali, isso, que lindo. A gente num vai te machucar, não, somos bons garotos. Ah meu pai, ninguém vai acreditar nisso, cara. Eu mesmo mal posso acreditar. Entra ali. A gente vai se revezar ou o quê? Quê? Eu não quero te ver pelado, cara! Que doideira mais gay. Sim, mas ela quer em dose dupla, né! Então não é um depois o outro! São os dois simultânea — simultanea — simu — ao mesmo tempo. Você não sabe o que é dose dupla, cara? Dose dupla. Você nem sabe do que tá falando. Dose dupla! Cala a boca, palhaço. Natalie escutou os dois brigando no hall. Ela ficou sentada esperando na cozinha. Uma grande poça de água cercava o freezer. Em todas as portas estava escrito PORTA CORTA-FOGO. Os dois voltaram pra cozinha. Timidamente sugeriram que todos se dirigissem a um quarto. A

timidez deles era estranha, dadas as circunstâncias. O tempo todo batendo boca. Ali. Você é retardado? Eu não vou fazer ali, não. Bibi dorme ali! Ali, cara. Besta. Siga-me, Keisha, sintá-se à vontade, viu? Dinesh, cara, não tem nem lençol aqui! Vai pegar um lençol! Para de falar meu nome! Nada de nomes. A gente vai pegar um lençol, espere aqui, não se mova.

Natalie Blake deitou no colchão. Em cima do guarda-roupa havia um monte de coisas encaixotadas. Coisas que ninguém voltaria para buscar. Coisas descartáveis. Havia alguma coisa de terrivelmente triste em todo aquele lugar. Ela desejou poder tirar as caixas dali e examiná-las e salvar o que precisasse ser salvo.

A porta abriu e os rapazes reapareceram apenas de Calvin Klein, uma preta, uma branca, como dois pesos-pena num ringue de boxe. Não tinham mais que vinte. Eles pegaram um laptop. A ideia parecia ser como a de uma roleta. Você clica e um ser humano aparece, em tempo real. Clica de novo. Clica de novo. Oitenta por cento das vezes eles conseguiam um pênis. O restante eram garotas silenciosas mexendo no cabelo, grupos de estudantes que queriam conversar, capangas de cabeça raspada diante da bandeira dos seus países. Nas raras vezes em que aparecia uma garota, eles na hora começavam a digitar: MOSTRA OS PEITOS AÍ. Natalie perguntou a eles: rapazes, rapazes, por que estamos fazendo isso? Vocês têm a coisa real aqui. Mas eles continuaram na internet. Parecia a Natalie que estavam tentando ganhar tempo. Ou talvez não conseguissem fazer sem que a internet de alguma forma estivesse no meio. Tenta você, Keisha, tenta você, veja o que consegue. Natalie se sentou diante do laptop. Ela conseguiu um garoto solitário em Israel que digitou VOCE EH BOA e pôs o pênis pra fora. Você gosta de ser vista, Keisha? Você gosta? Vamos deixar ali, em cima da cômoda. Como você vai querer, Keisha? É só falar que a gente faz. Qualquer coisa. E ainda assim Natalie Blake sabia que não estava correndo perigo. Apenas façam o que quiserem, disse Natalie Blake.

Mas nenhum dos dois nem de longe conseguia dar conta do recado, e logo um passou a culpar o outro. É ele! É porque eu acabo olhando pra ele, cara. Com ele ali eu perco todo o clima. Não dê bola pra ele, ele nem sabe o que é clima.

Para eles era suficiente ficar brincando feito adolescentes. Natalie foi perdendo a paciência. Ela não era mais adolescente. Ela sabia o que estava

fazendo. Não achava que tinha de ficar esperando até que a penetrassem. Sabia envolver. Sabia agarrar. Sabia soltar.

Ela sentou o rapaz com a Calvin Klein preta na ponta da cama, puxou o prepúcio dele para baixo, montou nele, advertiu-o a não tocá-la ou se mover a não ser que ela mandasse. Um pau estreito, mas não feio. Ele disse: você é bem determinada, né, Keisha? Sabe o que quer e tal. Dizem que as irmãs são assim, não dizem? Ao que Natalie Blake respondeu: estou pouco me fodendo para o que dizem. Ela via que o rapaz não tinha nenhum ritmo útil — era melhor para ambos que ele simplesmente ficasse parado. Ela forçou-se para baixo. Balançou-se. Terminou muito rapidamente, embora não tão rapidamente quanto o amigo circuncidado do outro lado da cama, que soltou um pequeno gemido, gozou num pinga-pinga na própria mão e desapareceu banheiro adentro. Dinesh, seu besta. Volta aqui. Hum. Isso é um pouco constrangedor. Pra onde é que ele foi? Somos só nós dois. Você já gozou, né? Tá certo. Quer saber, acho que não vai rolar pra mim nesse exato momento, Keisha. Pra falar a verdade, estou com um pouco de calor e meio incomodado nesse exato momento.

Ela o soltou. O garoto despencou dela, bastante reduzido. Ela o enfiou de volta na cueca. Começou a se vestir. O outro rapaz voltou do banheiro parecendo acanhado. Ela ainda tinha um beck que sobrara de Camden, e eles o fumaram juntos. Tentou fazer os dois contarem alguma coisa, qualquer coisa, sobre as pessoas que viviam naquela casa, mas eles se recusavam a parar de, nas palavras deles, “passar uma conversa” nela. A gente deveria idolatrar essa garota, cara. Irmã, está preparada para ser idolatrada? Você é uma deusa aos meus olhos. A noite toda, meu bem. Até você implorar pra eu parar. Até as seis da matina. Dinesh, cara, eu tenho de estar no trabalho às oito.

183. *Colocando em dia*

Natalie Blake despediu Anna e contratou Maria, que era brasileira. O porão foi terminado. Maria mudou-se para lá. Um novo campo de horas extras pagas se abriu. Natalie e Leah foram ao irlandês.

“O que você anda fazendo?”, perguntou Leah Hanwell.

“Nada de mais”, disse Natalie Blake. “E você?”

“O de sempre.”

Natalie contou uma história sobre um rapaz fumando no parque, enfati-

zando sua própria oposição heroica à incivilidade persistente. Ela contou uma história sobre quão mesquinha e infeliz a conhecida delas Layla Dean tinha se tornado, de um jeito que pretendia sutilmente engrandecer a própria Natalie Blake. Contou uma história relacionada aos preparativos das crianças para o carnaval, o que dificilmente poderia evitar que se demonstrasse a plenitude feliz de sua vida.

“Mas Cheryl quer todos ‘os primos’ num carro alegórico da igreja. Não quero ir num carro da igreja!”

Leah defendeu o direito de Natalie de não aceitar religião disfarçada de diversão carnavalesca. Leah contou uma história sobre sua mãe estar impossível. Natalie defendeu o direito de Leah de ficar indignada com o mau comportamento de sua mãe, por mais insignificante que fosse. Leah contou uma história engraçada sobre Ned do andar de cima. Contou uma história engraçada sobre os hábitos de Michel no banheiro. Natalie notou com preocupação que as histórias de Leah não tinham nenhuma ênfase ou intenção especial.

“Você alguma vez viu aquela garota de novo?”, perguntou Natalie Blake. “Aquela que te enganou — que bateu na sua porta?”

“O tempo todo”, disse Leah Hanwell. “Eu a vejo o tempo todo.”

Elas beberam sozinhas duas garrafas de vinho branco.

184. *Pega*

“O que é isso? KeishanW@gmail.com. Que porra é essa? Ficção?”

Eles estavam parados um de frente para o outro no corredor. Ele balançou uma folha de papel na frente dela. A dois metros deles, os filhos com os primos mais Cheryl e Jayden estavam treinando coreografias a serem executadas num carro alegórico na manhã seguinte. Marcia estava ajudando a costurar lantejoulas e penas nas malhas fluorescentes. Ao escutarem vozes exaltadas, os muitos membros da família de Natalie Blake pararam o que estavam fazendo e olharam para o corredor.

“Por favor, vamos subir”, disse Natalie Blake.

Eles subiram um lance de escadas e foram até o quarto de hóspedes, decorado com um charmoso tema marroquino. O marido de Natalie Blake segurou-a com força pelo pulso.

“Quem é você?”

Natalie Blake tentou soltar seu pulso.

“Você tem dois filhos lá embaixo. Deveria ser uma porra de uma adulta. Quem é você? Essa porra é real? Quem é *selvagememwembley*? O que é aquilo no seu computador?”

“Por que você está mexendo no meu computador?”, perguntou Natalie Blake, baixinho, num tom de voz ridículo.

185. *Avante*

Frank ficou sentado na cama de costas para ela, uma mão sobre os olhos. Natalie Blake ergueu-se, saiu do quarto de hóspedes e fechou a porta. Uma estranha sensação de calma a seguiu até o andar de baixo. No térreo, no hall, ela esbarrou com a garota brasileira, Maria, que olhou para ela com a mesma confusão obtusa da semana anterior, quando ela chegou e descobriu que sua patroa era vários tons mais escuros que ela própria.

Passou pelo hall, onde o laptop dela ainda estava sobre uma mesinha de canto, a tela ainda aberta para quem quisesse ler. Passou por sua família, que a chamou. Ela ouviu Frank correndo escada abaixo. Viu seu casaco pendurado sobre o corrimão, chaves e celular no bolso. Na porta teve outra oportunidade de levar algo consigo (ela podia ver, na mesa do corredor, sua bolsa, um cartão de metrô, outro molho de chaves). Saiu de casa sem nada e fechou a porta da frente atrás de si. Pelo janelão, Frank De Angelis perguntou à sua esposa Natalie Blake aonde ela estava indo. Aonde ela pensava que estava indo. Aonde ela na sua cara de pau pensava que estava indo. “A lugar nenhum”, disse Natalie Blake.

TRAVESSIA

De Willesden Lane para Kilburn High Road

Ela virou à esquerda. Andou até o final da sua rua e da rua seguinte. Afastou-se rapidamente do Queen's Park. Passou pelo ponto onde Willesden e Kilburn se encontram. Passou pela casa de Leah, depois por Caldwell. No antigo apartamento, a janela da cozinha estava aberta. Um edredom — decorado com o distintivo de um time de futebol — estava pendurado na sacada para secar. Sem olhar para onde ia, começou a subir a colina que vai de Willesden a Highgate. Fazia um som agudo esquisito, como uma raposa. Enquanto atravessava a rua, um ônibus noventa e oito passou bastante inclinado por ela — como se estivesse prestes a virar —, e a princípio parecia ser ele a fonte da estranha luz vermelha e azul colorindo as listras brancas da faixa de pedestres. Agora ela viu a viatura policial escondida pelo ônibus, as luzes no teto girando em silêncio. Uma fila de viaturas, estacionadas perpendicularmente, impedindo o trânsito na Albert Road. Do lado público dessa barreira, um grupo de pessoas tinha se juntado, e um alto policial de turbante estava parado no meio delas, respondendo perguntas. Mas eu moro na Albert!, disse uma jovem. Ela carregava um número excessivo de sacolas de compras em cada mão, algumas penduradas nos pulsos e entrando na carne. Qual número?, perguntou o policial. A mulher lhe disse. Você vai ter que dar a

volta. Você vai encontrar policiais na outra ponta que vão te acompanhar até a sua casa. Pelo amor de Deus, disse a mulher, mas passado um instante ela foi na direção indicada. Não posso passar por aqui?, perguntou Natalie. Ocorrência, disse o policial. Ele olhou para ela. Uma grande camiseta, calça legging e um par de pantufas vermelhas imundas, como uma viciada. Ele olhou para o relógio. São oito agora. Esta rua vai ficar bloqueada por mais ou menos uma hora ainda. Ela tentou ficar na ponta dos pés para ver por cima do ombro dele. Só o que podia ver eram outros policiais e uma tenda de lona branca à esquerda, na calçada em frente ao ponto de ônibus. Que tipo de ocorrência? Ele não respondeu. Ela não era ninguém. Não merecia uma resposta. Um garoto numa bicicleta BMX disse: passaram a faca nele, né não?

Ela se virou e foi andando de volta na direção de Caldwell. Andar era o que ela fazia agora, andar era o que ela era. Ela não era nada mais, nada menos que o fenômeno andar. Não tinha nome, biografia, características. Essas coisas todas tinham caído num paradoxo. Certas lembranças físicas permaneciam. Podia sentir o inchaço da pele abaixo dos olhos e o fato de que sua garganta estava dolorida de gritar e gemer. Tinha uma marca no pulso onde fora segurada com força. Pôs a mão no cabelo, sabendo que ele estava bagunçado e espetado e que no meio da briga ela tinha arrancado um tantinho na têmpora direita. Chegou ao muro que cercava Caldwell. Caminhou ao longo do muro dos fundos, olhando para o matagal que subia pela depressão do terreno até o nível da rua. Caminhou ao longo do muro de uma ponta a outra e depois voltou. Parecia estar procurando algum sinal de perfuração nos tijolos. Continuou refazendo o mesmo caminho. Estava erguendo um joelho para subir no muro quando uma voz de homem a chamou.

Keisha Blake.

Do outro lado da rua e à esquerda dela. Ele estava parado sob um castanheiro-da-índia com as mãos enfiadas nos bolsos do seu moletom com capuz.

Keisha Blake. Espera.

Ele atravessou a rua meio correndo, todo inquieto: as mãos no nariz, nas orelhas, na nuca.

Nathan.

Você tá tentando invadir o conjunto?

Ele saltou pra cima do muro.

Não sei o que eu estou fazendo.

E não vai nem me perguntar como eu estou? Quanta frieza.

Ele se curvou e perscrutou o rosto dela.

Você não parece bem, Keisha. Eu te ajudo.

Natalie cruzou os pulsos. Nathan olhou para as mãos tremendo dela. Ele a puxou. Os dois pularam para o outro lado juntos, caindo suavemente nos arbustos. Enquanto se endireitava, ele olhou para a rua por cima do ombro.

Venha então.

Ele foi descendo pelo mato até chegar à pequena área verde onde os moradores estacionavam. Recostou-se contra um carro velho. Natalie foi mais devagar, agarrando-se às partes mais firmes dos arbustos, escorregando nas pantufas.

Você definitivamente não parece muito bem.

Não sei o que estou fazendo aqui.

Brigou com seu homem, né?

Sim. Como é...

Você não parece estar assim por pouca coisa. Venha comigo. Estou fugindo.

Agora ela reparou nas pupilas dele, enormes e sem vida, e então tentou se colocar no velho papel. Já seria alguma coisa substituir essa ausência de sensações, esse nada. Ela pôs uma mão no ombro dele. O tecido do moletom estava duro, sujo.

Você está fugindo?

Ele soltou um som do fundo da garganta como se fosse um grito sufocado. O grito ficou preso em algum catarro, e ele tossiu por um bom tempo.

O negócio é fugir ou desistir esta noite. Você tá indo pra casa da sua mãe?

Não. Norte.

Norte?

Tentei pegar o metrô na Kilburn. A rua está bloqueada.

Ah, é. Venha, vamos andar. Este não é o lugar em que eu quero estar agora. Já passei tempo suficiente neste lugar.

Eles estavam no centro da bacia de Caldwell. Cinco prédios ligados por passarelas e pontes e escadas e elevadores a serem evitados tão logo foram colocados. Smith, Hobbes, Bentham, Locke, Russell. Aqui está a porta, aqui está a janela. E repetir, e repetir. Alguns dos moradores tinham colocado belos vasos de gerânios e violetas-africanas nas sacadas. Outros tinham janelas con-

sertadas com fita adesiva marrom, cortinas de filó sujas, nenhum número na porta, nenhuma campainha. À sua frente, na longa sacada de concreto que atravessa toda a extensão de Bentham, um garoto branco e gordo estava com um telescópio montado, apontado para baixo, para o estacionamento e não para a lua. Nathan olhou para ele e continuou encarando. O garoto recolheu o telescópio, enfiou o suporte debaixo do braço e correu para dentro de casa. O cheiro de maconha tomava conta do lugar.

Quanto tempo, Keisha.

Quanto tempo.

Você tem um cigarro?

Natalie pôs as mãos no corpo para demonstrar a falta de bolsos. Nathan parou onde estava e pegou um cigarro do bolso de trás de sua calça. Ele o dividiu ao meio com a comprida unha do polegar, amarela e grossa, rachada da metade para a frente. Tabaco caiu em suas mãos. Vincos pretos e secos atravessavam ambas as palmas. Ele meteu a mão no bolso e voltou com um pacote de Rizlas laranjas e um saquinho, que segurou entre os dentes.

Qual era o seu mesmo?

Locke. E o seu?

Ele apontou com a cabeça na direção de Russell.

Fique aqui.

Nathan pegou Natalie pelos ombros e a moveu até ela ficar bem na sua frente. Havia algum alívio em se tornar um objeto. Sem cometer nenhum erro, ela podia servir como uma útil barreira entre a brisa e estes dois Rizlas sendo cuidadosamente preparados em L.

Espera só mais um minuto. Ei. Você tá chorando?

Uma luz passou por cima deles com um rugido mecânico; um helicóptero voando baixo.

Sim. Desculpe.

Ah, que é isso, Keisha? Seu homem não é tão ruim assim. Ele vai te aceitar de volta.

Ele não deveria.

As pessoas não deveriam fazer um monte de coisas que fazem. Certo, terminei.

Ele estendeu o baseado, o rosto voltado para o céu noturno.

Não. Eu preciso ficar com a cabeça no lugar.

Não finja ser uma boa garota, Keisha. Eu te conheço há tempos. Conheço sua família. Cheryl. Sirva-se.

Ele pôs o baseado atrás da orelha.

Não coloquei só maconha nele, sabe. Tem umas surpresinhas. Experimente. A gente vai e fuma num lugar tranquilo. É isso aí.

Ele começou a andar. Natalie o seguiu. Andar era o que ela fazia agora. Enquanto andava, ela tentou colocar as outras pessoas, em casa, no atual fluxo do seu pensamento. Mas sua relação com cada pessoa agora lhe era irreconhecível, e sua imaginação — devido a um longo processo de negligência, quase tão longo quanto a vida dela — não tinha o poder gerador de encarar um futuro alternativo para si. Só o que ela conseguia imaginar era a vergonha suburbana, sufocando tudo. Ela pensou para a esquerda e pensou para a direita, mas não havia saída. Embora talvez Jayden. Novamente ela empacou. Embora talvez Jayden o quê?

Que horas são, Keisha?

Não sei.

Já devia ter me mandado há um tempão. Às vezes eu não me entendo. Quem está me prendendo? Ninguém. Devia ter ido pra Dalston. Tarde demais agora.

De trás de um táxi preto estacionado surgiu um garoto com mais ou menos nove anos, andando de bicicleta sem as mãos com grande lentidão e habilidade. Atrás dele vinham dois outros garotos com no máximo seis e uma garota com cerca de quatro anos. Eles tinham o rosto alongado e os olhos amendoados que Natalie acreditava próprio de somalis, e o tédio deles não lhe era estranho, ela se lembrava dele. A garota chutava uma lata amassada de novo e de novo. Um dos garotos segurava frouxamente um galho comprido que deixava colidir com o que quer que ficasse no caminho. Eles olharam fixamente enquanto passavam, falando na sua língua. O galho entrou no caminho de Nathan. Ele só teve de olhar para o galho para que o garoto lentamente o erguesse acima da cabeça deles e o afastasse.

O que estamos fazendo? Nathan? O que estamos fazendo?

Vagueando. Para o Norte.

Ah.

É pra lá que você quer ir, certo?

Sim.

Há uma ligação entre o tédio e o desejo por caos. Apesar dos muitos disfarces e blefes, talvez ela nunca tenha parado de querer o caos.

Tem alguma música, Keisha?

Quê?

A gente devia voltar pro seu pátio, pegar umas músicas. LOCKE!

Ele gritou e apontou para lá, como se ao nomeá-lo desse vida ao prédio.

Keisha, diga o nome de algumas pessoas de Locke.

Leah Hanwell. John-Michael. Tina Haynes. Rodney Banks.

O esforço de nomear fez com que Natalie se sentasse exatamente onde estava. Ela se deitou e pôs a cabeça no chão até que a lua fosse a única coisa que via e a única coisa em que pensava.

Encontrei Rodney — faz um tempo, em Wembley. Tem uma lavanderia lá agora. Se deu bem. Mas ele é gente boa, o Rodney, continua humilde. Conversou comigo. Algumas pessoas agem como se não te conhecessem. Levanta, Keisha.

Natalie se apoiou nos cotovelos para olhar para ele. Ela não deitava no calçamento fazia décadas.

Vamos, levanta. Conversa comigo. Como de costume. Vamos lá, cara.

Pela segunda vez naquela noite ela cruzou os pulsos e sentiu que era erguida como se mal e mal estivesse ali, quase nada.

Leah. Ela era obcecada por você. Obcecada.

Encontrei com ela. Mas outras coisas. Bom com números.

Leah?

Eu era, cara! Eu era bom! Você lembra. A maioria das pessoas não me conhece daquela época. Você lembra. Conseguia as estrelas douradas toda vez.

Você era bom em tudo. É essa a lembrança que eu tenho. Você fez um teste.

Justamente. Queen's Park Rangers. Todo mundo diz que fez um teste. Eu fiz um teste de verdade.

Eu sei. Sua mãe contou pra minha mãe.

Tendões ruins. Continuei jogando. Ninguém me disse nada. Um monte de coisa seria diferente, Keisha. Um monte de coisa. É isso mesmo. Se é. Eu não gosto de pensar naquela época, pra falar a verdade. No fim das contas eu estou é aqui na rua, na miséria. Ralando, todo santo dia. Tentando um ganha-

-pão. Fiz umas coisas ruins, Keisha, não vou mentir. Mas você sabe que esse não sou eu realmente. Você me conhece dos velhos tempos.

Ele chutou três latas de cerveja, mandando-as ruidosamente para o gramado. Eles tinham chegado ao final da nostalgia. Nesse ponto o muro fora parcialmente destruído — parecia que alguém o partira com as mãos, tijolo por tijolo. Eles atravessaram a rua, passaram pela quadra de basquete. Quatro figuras encobertas por sombras estavam paradas na outra esquina, a ponta dos cigarros brilhando no escuro. Nathan ergueu uma mão para os homens. Eles ergueram uma mão em resposta.

Pare aqui. Vou fumar isso.

Certo, eu também.

Ele se inclinou para dentro dos altos portões de ferro do cemitério, olhando. Tirou o baseado pré-preparado de trás da orelha e eles o ficaram passando um pro outro, soprando fumaça através das grades. A outra coisa misturada com o tabaco tinha um gosto amargo. O lábio inferior de Natalie ficou dormente. A cabeça se desligou do corpo. Sua boca ficou rígida e lenta. Ficou difícil traduzir pensamento em som ou saber que pensamentos podiam ser transformados em sons.

Volta volta volta. Keisha, volta.

Quê?

Se mexe.

Natalie se viu sendo gentilmente empurrada alguns metros pelo ombro dele, até eles ficarem no ponto mais afastado entre dois postes de luz. Do outro lado da grade um fino poste vitoriano lançava uma luz fraca sobre os canteiros de flores. Quando Naomi era pequena, Natalie tinha amarrado a filha contra o peito e ficado andando em oito nesse cemitério, na esperança de que a criança tirasse seu cochilo da tarde. As pessoas da região diziam que Arthur Orton estava enterrado aqui em algum lugar. Em todas as suas andanças em oito ela nunca o encontrou.

Vamos entrar. Quero escalar.

Calma lá. Keisha pirou de vez.

Vamos entrar. Vamos. Não tenho medo. Do que você tem medo? Dos mortos?

Sei não quanto aos espíritos, Keisha. Não quero nada com eles.

Natalie tentou devolver o baseado, mas Nathan o pôs de volta na boca dela.

Por que você tá aqui, Keisha? Você devia é estar em casa.

Não vou pra casa.

Fique à vontade.

Você tem filhos, Nathan?

Eu? Não.

Ouviu-se um zumbido suave, cada vez mais alto, e então um guincho. Uma bicicleta freou com tudo na frente deles. Um rapaz com tranças nagôs bagunçadas, uma perna da calça enrolada até o joelho, inclinou a bicicleta para um lado, esticou-se e sussurrou no ouvido de Nathan. Nathan escutou por um momento, balançou a cabeça, deu um passo pra trás.

Me deixa em paz, cara. Tarde demais.

O garoto deu de ombros e pôs o pé no pedal. Natalie ficou vendo a bicicleta pegar velocidade e desaparecer atrás do antigo cinema.

É só uma sentença de morte.

Quê?

Filhos. Se eles nascem, vão morrer. Então é isso que você dá pra eles no fim das contas. Tá vendo, é por isso que eu gosto de conversar contigo, Keisha, você é sincera. A gente sempre tem umas conversas profundas, você e eu.

Quem me dera a gente tivesse conversado mais vezes.

Estou na rua, Keisha. Tive uma má sorte e tanto. Novlene não diz a verdade pras pessoas. Mas não vou mentir. Você está vendo. Aqui estou eu. A verdade está diante dos seus olhos.

Natalie continuou olhando na direção do garoto da bicicleta. Ela tinha adquirido o hábito de se envergonhar da má sorte dos outros.

Topei com Novlene na avenida já faz um tempo.

A esperta Keisha.

Quê?

Ela te disse que não me deixa mais entrar em casa? Aposto que não. Fala mais, esperta Keisha. Me diga algo inteligente. Você é advogada agora, né?

Sim. De tribunal. Não importa.

Você usa uma peruca. Segura um martelo na mão.

Não. Não importa.

Não, mas você se deu bem. Minha mãe adora me falar de você. A esper-
ta Keisha. Ei, olha aquela raposa! Se esgueirando ali.

Ele tinha uma pequena lanterna no celular que usou para iluminar o
bicho pela grade. A ponta de um rabo feio — feito um pincel velho e curvo —
desapareceu atrás de um carvalho.

Animais danados. As raposas estão por toda a parte. Se quer saber a minha
opinião, elas estão tomando conta de tudo.

A raposa era esquelética e parecia estar correndo de lado sobre as lápides.
A lanterna de Nathan a acompanhou até onde podia, até o animal saltar para
o nada e desaparecer.

Como é que você entrou nesse negócio?

No direito?

É. Como é que você entrou nisso aí?

Não sei. Simplesmente aconteceu.

Você sempre foi esperta. Você merece.

Não necessariamente.

Aí está ela de novo! Elas são rápidas, essas raposas!

Preciso ir.

A força se esvaiu das pernas de Nathan. Ele foi esmorecendo. Primeiro
contra a grade e depois pro lado, pra cima de Natalie. Ela não estava contan-
do com servir de suporte para alguém. Juntos os dois foram escorregando pela
grade até o chão.

Jesus — você precisa parar de fumar.

Keisha, fica e conversa comigo um pouco. Conversa comigo, Keisha.

Eles esticaram as pernas na calçada.

As pessoas não conversam mais comigo. Olham pra mim como se não
me conhecessem. Pessoas que eu conhecia, pessoas que viviam comigo.

Ele pôs a mão espalmada sobre o peito.

Muita velocidade nesta coisa. O coração está a toda. Aquele besta. Não
sei por que gasto meu tempo com ele. Isso é coisa dele. Sempre indo longe
demais nessa merda. Mas como é que posso impedir Tyler? Tyler deveria
impedir Tyler. Eu nem deveria estar falando com você, eu deveria estar em
Dalston, porque isso não é nem comigo, é com ele. Mas eu olho pra mim
mesmo e me pergunto: Nathan, por que você ainda tá aqui? Por que você

ainda tá aqui? E eu nem sei por quê. Nem brincando estou. Eu devia simplesmente fugir de mim mesmo.

Se acalme. Respire fundo.

Deixa eu me recompor, Keisha. Continua andando comigo.

Ele puxou o capuz pra trás, tirou o boné. Na sua nuca havia uma mancha de pele branca do tamanho de uma moeda.

Vem, vamos nessa.

Num instante ele estava de pé. Uma luz vermelha e azul passou por cima do muro do cemitério.

E isso aqui?

Joga aí no chão e pronto. Vem. Seja rápida.

De Shoot Up Hill para Fortune Green

Eles pararam no ponto onde a Shoot Up Hill encontra a Kilburn High Road, na entrada da estação de metrô.

Espere aqui.

Nathan deixou Natalie perto das máquinas de autoatendimento e foi andando na direção da floricultura. Ela esperou até ele desaparecer e depois o seguiu, parando à beira do toldo. Ele estava na soleira da porta do restaurante de marmitta chinesa, conversando com duas garotas, cochichando com elas. Uma delas vestia uma saia de lycra curta e um moletom com capuz, a outra era uma garota pequena com um conjunto de moletom e um lenço caído bem para trás na cabeça. Os três estavam amontoados. Algo mudou de mãos. Natalie ficou vendo-o colocar uma mão na cabeça da garota menor.

O que foi que eu acabei de dizer? Não me obrigue a ficar repetindo as coisas.

Não estou dizendo nada.

Bom. Continue assim.

Nathan afastou-se da porta, avistou Natalie, resmungou. As garotas foram na direção oposta.

Quem eram aquelas garotas?

Ninguém.

Eu sei das coisas. Costumava passar lá nas celas da Bow Street toda noite. Fechadas agora. Eles te levam pra Horseferry agora.

É verdade, eles levam.

Eu também sei certas coisas, Keisha. Altas coisas. Você não é a única espertinha aqui.

Estou sabendo. Quem eram aquelas garotas?

Vamos pra Shoot Up Hill, daí a gente atravessa.

A rua estava mais comprida e mais larga do que nunca. As casas e os apartamentos ficam bem afastados naquela rua, parecem esconderijos, como se as pessoas que vivem aqui ainda temessem os ladrões de estradas que deram nome ao lugar. Para Natalie parecia que eles nunca chegariam ao final dela.

Você tem dinheiro com você?

Não.

Podíamos comprar duas latinhas.

Não tenho nada comigo, Nathan.

Eles caminharam por um tempo sem falar nada. Nathan se mantinha próximo dos muros, sem nunca chegar ao meio da calçada. Ocorreu a Natalie que ela não estava mais chorando ou tremendo, e que o medo era a emoção mais difícil do mundo a que se agarrar por mais do que um momento. Ela não podia resistir a essa exposição das texturas do mundo: pedra branca, grama verde, ferrugem vermelha, ardósia cinza, merda marrom. Era quase agradável, caminhar para lugar nenhum. Eles atravessaram, Natalie Blake e Nathan Bogle, e continuaram subindo, passando pelos estreitos apartamentos-mansões vermelhos, dinheiro acima. O mundo de conjuntos habitacionais ficara bem para trás deles, na base da colina. Casas vitorianas começavam a aparecer, apenas algumas a princípio, depois se multiplicando. Cascvalho fresco na entrada, persiana branca de madeira na janela. Placa de imobiliária pendurada no portão da frente.

Algumas destas casas valem vinte vezes mais do que valiam há uma década. Trinta vezes.

Ah, é.

Eles continuaram andando. Em intervalos na calçada, a prefeitura tinha plantado uma fileira otimista de plátanos, pequenas mudas protegidas por um rolo de plástico em volta do tronco. Uma já tinha sido arrancada pela raiz e outra, rachada ao meio.

De Hampstead para Archway

Aquele pedacinho do Heath que é cortado pela estrada principal e onde a calçada desaparece. Estava escuro e chovendo. Eles foram andando pelo asfalto em fila indiana. Natalie sentia os carros muito perto à sua direita e à esquerda amoreiras e arbustos. Nathan vestia o capuz e o boné para se proteger. A própria trança embutida e semidestruída dela estava encharcada até a raiz. De vez em quando ele dava algum aviso por cima do ombro. Mantenha-se à esquerda. Cocô de cachorro. Escorregadio. Ela não podia ter desejado uma companhia melhor.

If I ruled the world!

(Imagine that.)

I'd free all my sons.

Black diamonds and pearls.

If I ruled the world!

Era a música que ele estava cantando.

A chuva engrossou. Pararam na soleira da porta de um bar, Jack Straw's Castle.

Estes sapatos aí são uma isca.

Não são sapatos, são pantufas.

São uma isca.

O que há de errado com elas?

Por que são tão vermelhas?

Não sei. Acho que gosto de vermelho.

Sim, mas por que têm que ser tão brilhantes? Não dá pra fugir, não dá pra se esconder.

Não estou tentando me esconder. Não acho que estou me escondendo. Por que a gente está se escondendo?

Não me pergunte.

Ele se sentou no degrau de pedra molhado. Esfregou os olhos, suspirou.

Aposto que tem gente que mora lá no mato, cara.

No Heath?

É. Bem lá pra dentro.

Talvez. Realmente não faço ideia.

Simplemente vivendo como animais lá. Já cansei dessa cidade. Estou de saco cheio dela agora, de verdade. A má sorte me persegue, Keisha. É esse o lance. Não corro atrás da má sorte. A má sorte que me persegue.

Não acredito em sorte.

Deveria. Ela governa o mundo.

Ele começou a cantar novamente. A cantar e a declamar um rap, embora o fizesse tão baixinho e os dois fossem tão melancólicos e parecidos no som que Natalie mal podia diferenciá-los.

Aí está essa porra de helicóptero de novo.

Enquanto falava, ele tirou um pacote de Golden Virginia do bolso e esticou um Rizla no joelho. Natalie olhou para cima. Nathan tentou se esconder na sombra da soleira da porta. Juntos eles ficaram vendo as hélices cortarem uma colcha de nuvens. Eles fumaram e fumaram. Ela estava chapada como nunca estivera na vida.

Essa chuva também não vai parar.

Eu podia te mostrar um diário. Seu nome. A cada três linhas — seu nome. Minha amiga Leah, o diário dela. Minha infância foi basicamente

isso — escutá-la falar de você! Ela nunca ia admitir isso, mas o homem com quem acabou se casando — ele se parece com você.

Ah, é.

É só que é estranho pra mim o fato de que você pode ser tão importante para outra pessoa e nunca ficar sabendo. Você era tão... amado. Por que está fazendo isso? Você não acredita em mim?

Não, é só que. Taí uma verdade que minha mãe realmente me disse. Todo mundo ama o camarada quando ele tem dez. Com sua carequinha. Todo fofo e alegre. Todo mundo ama o camarada quando ele tem dez. Depois disso ele é um problema. Não dá pra ter dez anos pra sempre.

Que coisa horrível pra se dizer a uma criança.

É, mas é assim que você vê — eu não vejo assim. Pra mim é simplesmente a verdade. Ela estava tentando me dizer uma verdade. Mas você não quer ouvir isso. Você quer ouvir alguma outra merda. Ah, Nathan, eu me lembro de quando era assim e assado e você era todo doce e aquela porra toda, tá me entendendo? Boas lembranças. A última vez que eu estive no pátio da sua casa eu tinha dez, cara. Sua mãe não me deixou passar do portão depois disso, acredite.

Isso não é verdade!

Depois, quando estou com catorze, ela atravessa a rua agindo como se nem tivesse me visto. É assim que eu vejo as coisas. É impossível viver neste país depois que você cresce. Totalmente impossível. Eles não querem você, sua própria gente não quer você, ninguém quer você. Não é assim com as garotas, é uma coisa de homens. No fundo essa é a verdade.

Mas você não lembra...

Ah, Nathan, lembra isso, lembra aquilo — sinceramente, Keisha, eu não lembro. Apaguei esse negócio todo do meu cérebro. Outra vida. Não me serve de nada. Não moro mais lá nos prédios, eu vivo nas ruas agora, outra atitude. Sobrevivência. É isso aí. Sobrevivência. É só o que é. Você fica falando “a gente foi pra mesma escola”. E daí? O que você sabe da minha vida? Quando é que estive na minha pele? O que é que você sabe sobre viver do jeito que eu vivo, acabar do jeito que acabei? Senta no seu banco e fica me julgando. Me perguntando “quem são aquelas garotas?”. Fica na sua, meu bem. Você e sua maldita amiga lésbica. Traga ela aqui que eu digo pra ela também. “Você jogava futebol tão bem, todo mundo adorava você.” O que é

que eu vou fazer com isso? E você vai pra casa pra sua grana e pra sua vida e cadê a minha grana e a minha vida? Senta no seu banco. Fica falando de mim pelos cotovelos. “Como você se sente sendo um problema?” O que é que você sabe sobre isso? O que é que você sabe sobre mim? Nada. Quem é você, pra falar comigo? Ninguém. Nada.

Logo à frente deles um passarinho encharcado pousou numa folha e se sacudiu. Um carro passando fez uma curva fechada, espirrando um lençol de água.

Por que você tá chorando agora? Você não tem nenhuma merda de motivo pra chorar.

Me deixa em paz. Eu sei pra onde estou indo. Não preciso que me guie até lá.

Drama. Você é daquele tipo. Adora um drama.

Só quero que você vá embora. VÁ!

Mas eu não vou pra lugar nenhum. Não dá pra fugir, não dá pra se esconder. Olha, não precisa ficar toda mal-humorada só porque eu te digo umas verdades.

Quero ficar sozinha!

Quer sentir pena de si mesma. Teve uma briguinha com seu homem. Mestiço, o seu homem. Já vi ele chegando na Kilburn com sua pasta. Olhe só pra você, toda com pena de si mesma. Você sabe que se deu bem quando fica chorando por essas merdas. Você me faz rir.

Não sinto pena de mim mesma. Não sinto nada por mim mesma. Só quero ficar sozinha.

É, bem, mas você nem sempre consegue o que quer.

Natalie se ergueu e tentou sair correndo. Mal se levantou, uma pantufa encharcada ficou presa num buraco da estrada e ela caiu de joelhos.

Pra onde é que você tá indo? Desista, cara! Desista! Quantas vezes mais?

Chovia mais forte que antes. Ela viu a mão dele estendida para ela. Ela a ignorou, pôs as mãos no joelho direito e pegou impulso. Esticou os braços e as pernas feito uma ginasta. Ergueu-se e começou a caminhar o mais rápido que podia, mas quando olhou por cima do ombro viu que ele continuava atrás dela.

Hampstead Heath

Já vi que você tá tentando me dar uma canseira.
Não estou tentando nada. Olha pra frente!
Terminou? Você demora.
Há mais coisas em jogo para uma mulher.
Melhor se apressar. Tem um cara vindo aí com seu cachorro.
Quê?!
Não. Relaxa.
Quem me dera você me deixasse em paz.
Não estou falando nada.
Mas você está falando algo.
Hora do pique-er-nique. Vamos todos fazer um pique-er-nique.
E? Eu costumava fazer piqueniques aqui. Piqueniques. Alguma vez você já fez um piquenique? Estou tentando descrever pra você uma vida normal.
É. Você adora explicar.
Eu costumava vir aqui com a minha igreja.
Lá vamos nós.
Lá vamos nós o quê? Você nunca veio aqui?
Não.

Nunca? Você nunca esteve em Hampstead Heath? Quando éramos crianças? Você nunca veio aqui?

E por que eu viria aqui?

Não sei — porque é de graça, porque é bonito. Árvores, ar fresco, lagos, gramado.

Não era a minha praia.

Como assim não era a sua praia? É a praia de todo mundo! É a natureza!

Se acalma. Coloca sua calcinha.

Esquina da Hornsey Lane

Para de me seguir. Você fica o tempo todo falando comigo. Não consigo escutar meus próprios pensamentos. Preciso ficar sozinha agora.

Mas eu não estou no seu sonho, Keisha. Você é que está no meu.

Estou falando sério. Preciso que você me deixe agora.

Não, mas você não tá entendendo. Escuta: o meu sonho é o meu sonho. Tá me entendendo? O seu sonho é o seu sonho. Você não pode sonhar o meu sonho. O que você come não me faz cagar. Tá me entendendo? Este é o meu sonho — você não pode entrar nele.

Jesus amado, você fala como se fosse o Negro Mágico.

Eu sou pura mágica.

Vá pra casa de uma vez por todas!

Eu não vou pra lugar nenhum.

Se você vai me machucar, não faz nenhum sentido. Chegou tarde demais.

Olha, por que você sequer falaria uma coisa dessas pra mim? Estamos caminhando numa boa como amigos. Não sou uma pessoa má, Keisha. Por que você tá agindo como se eu fosse uma espécie de homem mau? Você se lembra de mim. Sabe quem eu sou.

Eu não sei quem você é. Não sei nada de ninguém. Para de me seguir.
Por que você está sendo fria comigo agora? O que foi que eu te fiz? Não fiz nada pra você.

Quem era aquela garota, a menor, com o lenço na cabeça?

Hã? Por que você está preocupada com ela?

Você mora com ela?

Este é o seu problema: você quer entrar no sonho de todo mundo. Nós estamos — nós estávamos caminhando numa boa como amigos. Por que é que você está sendo grossa comigo agora?

Ela não foi pra Brayton? Ela não me era estranha. O nome dela é Shar?

Não conhecia ela na época. Esse não é o nome dela comigo.

Qual é o nome dela com você?

Estamos no tribunal? Eu chamo minhas garotas de tudo que é tipo de coisa.

O que você faz com suas garotas? Você manda elas roubarem? Você é cafetão delas? Você faz ligações pra mulheres? Você as ameaça?

Ei, ei, calma lá, cara. Você me deixou confuso. Escuta, eu e minhas garotas somos unidos. Isso é tudo que você precisa saber. Elas cuidam de mim. Eu cuido delas. Somos muitos, mas somos um. Dedos numa mão.

Você está se escondendo de alguém, Nathan? De quem você está se escondendo?

Não estou me escondendo de ninguém! Quem disse que estou me escondendo?

Quem é aquela garota, Nathan? O que você faz com as suas garotas?

Você não está batendo bem da cabeça. O que está falando agora é pura maluquice.

Responda a pergunta! Seja responsável por você mesmo! Você é livre!

Não, cara, é aí que você se engana. Eu num sou livre. Nunca fui livre.

Todos somos livres!

Mas eu não vivo como você.

Quê?

Eu não vivo como você. Você não sabe nada sobre mim. Não sabe nada sobre as minhas garotas. Somos uma família.

Uma estranha família.

A única possível.

Hornsey Lane

Hornsey Lane, disse Natalie Blake. Era pra cá que eu estava vindo.

Era verdade. Embora se possa dizer que isso não tinha realmente se tornado verdade até o momento em que ela viu a ponte. Nathan olhou em volta. Coçou a ferida no pescoço.

Ninguém mora aqui. Quem você está querendo ver aqui? Estamos no meio do nada aqui.

Vá pra casa, Nathan.

Natalie foi na direção da ponte. Os postes de luz em cada ponta eram de ferro fundido, com peixes com a boca escancarada esculpido na base. Eles tinham cauda de dragão, enrolando-se pelo poste, e cada lâmpada ficava dentro de uma esfera de vidro alaranjada. Elas brilhavam, eram do tamanho de bolas de futebol. Natalie tinha esquecido que a ponte não era puramente funcional. Ela fez o máximo que podia, mas não conseguiu ignorar totalmente sua beleza.

Keisha, volte aqui, cara. Estou falando com você. Não seja assim.

Natalie pisou na primeira borda, pequena, apenas alguns centímetros acima do chão. Ela se lembrava de apenas um nível de obstáculo, mas a barreira de um metro e oitenta à sua frente era encimada por ferrões, como uma

fortaleza medieval: ferrões em cima e embaixo, uma imitação em ferro de arame farpado. Deve ter sido assim que eles impediram as pessoas de ir pra lugar nenhum.

Keisha?

A vista estava hachurada. A St. Paul numa caixinha. O Gherkin em outra. Meia árvore. Meio carro. Cúpulas, pináculos. Quadrados, retângulos, meias-luas, estrelas. Era impossível ter qualquer visão do todo. Daqui de cima a faixa de ônibus era uma ferida vermelha atravessando a cidade. Os prédios do conjunto eram a única coisa que ela podia ver que faziam algum sentido, separados uns dos outros e, no entanto, se comunicando. Desta distância eles tinham uma lógica, pilares de pedra enfiados num terreno antiquíssimo, esperando que algo seja colocado sobre eles, uma estátua, talvez, ou uma plataforma. Um homem e uma mulher se aproximaram e se postaram ao lado de Natalie, diante da grade. Uma bela vista, disse a mulher. Ela tinha um sotaque francês. Não parecia nem um pouco convencida do que dissera. Depois de um minuto o casal caminhou de volta colina abaixo.

Keisha?

Natalie Blake olhou em volta e para baixo. Tentou localizar a casa, em algum lugar mais ao pé daquela colina, a oeste daqui. Fileiras de chaminés vermelhas e de tijolos idênticas, estendendo-se para os subúrbios. O vento ficou mais forte, balançando as árvores abaixo. Ela tinha a sensação de estar no campo. No campo, se uma mulher não pudesse encarar os filhos, ou os amigos, ou a família — se ela estivesse coberta de vergonha —, ela provavelmente só precisaria deitar num campo e partir fundindo-se, primeiro com a grama abaixo, depois com a terra embaixo da grama. Uma criança da cidade, Natalie Blake sempre tinha sido ingênua em relação às questões do campo. No entanto, tratando-se da cidade, ela não tinha ilusões. Aqui nada menos do que um rompimento — um rompimento súbito e total — serviria. Ela podia ver o ato perfeita e claramente, ele aparecia diante dela como um objeto em sua mão — e então o vento balançou as árvores mais uma vez e os pés dela tocaram a calçada. O ato permaneceu apenas isto: um ato, uma perspectiva, sempre possível. Certamente alguém logo viria a esta ponte e o reclamaria, tanto a possibilidade quanto o ato em si, como vinham fazendo com uma sombria regularidade desde que a ponte fora construída. Mas neste exato momento não restara ninguém para fazê-lo.

Keisha, tá ficando frio aqui em cima. Preciso me esquentar. Venha, cara. Keisha, não seja chata. Converse mais um pouco comigo. Desça.

Ela se curvou e pôs as mãos nos joelhos. Tremia de tanto rir. Ergueu os olhos e viu Nathan com o cenho franzido para ela.

Escuta, estou fora. Não posso ficar parado. Você é um maldito de um peso. Você vem ou não?, perguntou Nathan Bogle.

Tchau, Nathan, disse Natalie Blake.

Ela viu um ônibus noturno subindo a rua e desejou ter algum dinheiro. Não sabia o que exatamente tinha sido poupado, nem por quem.

VISITAÇÃO

A mulher estava nua, o homem, vestido. A mulher não tinha percebido que o homem ia a algum lugar. Do lado de fora da janela deles veio o barulho de um carro alegórico de carnaval testando o sistema de som, em algum lugar a oeste, em Kensal Rise. *Out in the street they call it murda*. Depois de alguns compassos a música parou e foi substituída pelo tilintar de um carro de sorvete passando. Brilha, brilha estrelinha. A mulher sentou e olhou em volta procurando a carta que tinha deixado no lado do marido na cama, nas primeiras horas da manhã. Ela tinha levado um dia inteiro e quase uma noite para “organizar seus pensamentos”. Finalmente, no início da segunda-feira, tinha lambido a cola do envelope branco e o colocado sobre o travesseiro dele. Ele o deixara numa cadeira, fechado. Agora ela via seu marido colocar os pés em elegantes mocassins italianos com franja e enfiar um boné de beisebol sobre os cachos. “Você não vai abrir?”, perguntou Natalie. “Estou de saída”, disse Frank. A mulher se ajoelhou numa posição de súplica. Ela mal podia acreditar que tinha acordado para se encontrar na mesma situação de ontem, e de anteontem, que o sono não conseguira apagá-la. Que ela estaria na mesma situação amanhã. Que essa era a sua vida agora. Dois inimigos silenciosos levando os filhos aos seus compromissos sociais. “Vou ficar fora por algumas

horas”, disse o homem. “Quando eu voltar eu tomo conta das crianças até as sete. Você deveria arranjar algum outro lugar para ficar.” A mulher pegou o envelope e o estendeu ao homem. “Frank, leve com você.” O homem tirou um fino volume de uma prateleira de livros — ela estava lenta demais para identificá-lo — e o guardou no bolso de trás. “Confissões são interesseiras”, disse ele. Saiu do quarto. Ela o ouviu descer as escadas, fazendo uma breve pausa no segundo piso. Alguns minutos depois a porta da frente bateu.

Havia uma escolha por estagnação ou propulsão. Ela se vestiu rapidamente, dramaticamente, de azul-claro e branco e desceu correndo um lance de escadas. Seus filhos a encontraram no corredor. Naomi estava de pé sobre uma caixa virada. Spike estava estendido no chão de barriga para baixo. Ambos estavam prateados. Rostos prateados, roupas borrifadas com prata, chapéus de papel-alumínio. Natalie não sabia ao certo se isso era consequência de um acontecimento dramático, uma espécie de jogo ou ainda alguma outra coisa.

“Cadê a Maria?”, ela perguntou, mas logo respondeu sua própria pergunta: “Segunda é feriado. Por que vocês estão usando isso?”

“Carnaval!”

“De novo? Quem falou em dois dias?”

“Sou um robô. Há um concurso. Maria que fez. Usamos todo o papel-alumínio.”

“Os dois são robôs.”

“Não! Spike é um robô-cachorro. Eu sou o robô principal. Começa às duas. Custa cinco libras.”

Se ela continuasse recebendo esse tipo de descrição clara e útil dos fenômenos por parte dos filhos era possível que todos eles conseguissem sobreviver às poucas horas que tinham pela frente. Aos poucos anos que tinham pela frente.

“Que horas são agora?” Os filhos de Natalie esperaram ela conferir seu celular. “Não podemos ficar aqui. Está um lindo dia. Precisamos sair.”

Cada criança tinha seu próprio quarto — havia espaço suficiente na casa para que todos dormissem sozinhos —, mas, alheias à lógica do capital, as

crianças insistiam em dormir juntas, e no menor quarto, num beliche, cercadas por uma montanha de roupas. Natalie escavou em meio a essa bagunça à procura de algo adequado.

“Eu não quero me trocar”, disse Naomi.

“Eu não quero!”, disse Spike.

“Mas vocês estão ridículos”, argumentou Natalie.

Nos olhos da filha Natalie viu sua própria determinação, tão celebrada, refletida de volta para ela, com o dobro de intensidade. No andar de baixo, no hall, ela pôs o robô-cachorro no carrinho e teve uma discussão com o robô sobre se ele deveria ou não ter autorização para levar o patinete. Ela perdeu essa também. Fechou a porta da frente e olhou para a cara pilha de tijolos e argamassa. Certamente logo seria dividida, teria todo o seu conteúdo encaixotado e redistribuído, seus ocupantes separados, reinstalados. Finalmente uma nova combinação de almas otimistas, com a intenção de “construir uma vida” para si, atravessariam seu limiar. E em certo sentido não era difícil se projetar no futuro dessa forma, contanto que se fiasse em abstrações.

Dois minutos descendo a rua, a filha de Natalie cansou do patinete e pediu para subir nas costas da mãe. Natalie prendeu o patinete no carrinho e deixou a filha subir. Naomi esticou a cabeça para a frente de forma que sua bochecha macia ficasse pressionada contra o rosto da mãe e seu cabelo selvagem voasse para dentro da boca da mãe.

“Por que você insiste em trazer o patinete se sabe que não vai querer usá-lo?”

A criança falou com os lábios molhados roçando na orelha da mãe: “Não sei o que eu vou querer até eu querer”.

A mãe olhou para as cestinhas dos filhos.

Naomi: pasta de dente, bola de borracha, adesivos, forçado grande e vermelho, livro.

Spike: bola de borracha, bola de borracha, pato de plástico que brilha, pacote de Bombril, espada de plástico.

Cinco libras pra cada um, cinco itens. Poundland. Natalie se lembrava de fazer isso com Marcia em Woolworths, antigamente, mas na época era uma libra, e o seu dinheiro valia muito mais, e tudo tinha de ser “útil”.

“Estou interessada no processo de escolha aqui.”

“Ajudei Spike a escolher. Mas ele escolheu isso.”

“Você não vai querer um Bombril, querido.”

“MAS EU QUERO.”

Natalie pegou o ancinho.

“É pro Halloween.”

“Nom, estamos em agosto.”

“MAS EU QUERO!”

“Falando sério”, disse Naomi, com um olhar muito sério, “é uma pechincha.”

No balcão eles estavam vendendo o *Kilburn Times* por vinte e cinco pence.

ASSASSINATO NA ALBERT ROAD
FAMÍLIA APELA PARA TESTEMUNHAS

Num sofá esfarrapado, um senhor rastafári está sentado mostrando uma foto do filho adulto. Atrás do pai está sentada uma bela jovem, segurando com força a mão esquerda do pai entre as suas. Havia uma profunda miséria no rosto de ambos que Natalie descobriu não ser capaz de encarar de nenhuma forma. Virou a cópia de cima e dobrou o jornal ao meio.

“E um daqueles”, disse ela.

Eles tinham tempo para matar. Natalie não fazia ideia do que ia acontecer com todos eles depois que matassem o tempo. Foram até o pet shop. Natalie alforriou o robô-cachorro. Ela ficou vendo o robô e o robô-cachorro descerem correndo a rampa de entrada, para a liberdade. Desdobrou o jornal e tentou caminhar e ler e empurrar o carrinho e ficar de olho nas duas belas crianças enquanto passeavam pela loja cavernosa, conversando com lagartos ou discutindo a diferença entre um hamster e um gerbo. Ela ficou tentada a ligar para Frank — ele tinha um dom mais forte para a realidade que ela, especialmente para a cronologia —, mas ligar para Frank implicava explicar coisas para as quais ela não tinha explicação. Duas noites atrás. Seis da tarde. Albert Road. Seus olhos não paravam de voltar para o mesmo bloco de texto,

tentando extrair um tantinho mais de significado dele. Ela não sabia ao certo se estava tentando se inserir no drama de outra pessoa — como Frank com frequência dizia que ela costumava fazer — ou se ela realmente sabia algo sobre o que tinha acontecido àquela hora naquela rua. Agora tentou enxergar a palavra “Felix” na fotografia dentro da fotografia. As covinhas e a expressão alegre e machona. A blusa preta e amarela impecável, com capuz. Era fácil fazer isso. Ele era local, e ela o reconheceu, sem ser capaz de dizer mais nada de definitivo sobre ele. Exceto talvez que ele era igualzinho a um Felix.

Tirou os olhos do jornal. Chamou. Nada. Foi até os peixes, os lagartos, os cachorros e os gatos. Nenhum lugar. Ela lembrou a si mesma de que não era do tipo histérico. Voltou num passo apenas ligeiramente mais rápido pela rota que tinha acabado de completar, chamando-os pelo nome num tom mais do que razoável. Nada, nenhum lugar. Ela abandonou o carrinho e dirigiu-se rapidamente para o balcão. Fez a duas pessoas uma pergunta muito simples, a qual elas responderam com uma falta de urgência exasperadora. Voltou para os peixes, e para os lagartos, gritando. Ela entendia que os filhos não tinham sido sequestrados ou assassinados e que provavelmente não estavam a mais de quinze metros do ponto onde ela estava parada no momento, mas passar por essa série lógica de afirmações não ajudou em nada no sentido de impedir a explosão de tudo o que agora acontecia dentro dela. Teve uma visão do fosso que separa as pessoas que já experimentaram uma dor insuportável das que não experimentaram. Na mesma hora começou a suar por todos os poros. Um homem de avental se aproximou para pedir que se acalmasse. Ela passou por ele de supetão e saiu correndo para a rua. E foi nesse fosso que ela quase tinha colocado Frank, seus filhos, sua mãe, Leah. Todos os que algum dia se importaram com ela.

Ela deu um passo para a esquerda, então parou de repente: era um instinto de direção por algum motivo rejeitado. Mudou o rumo e correu para o armazém ao lado, descendo por outra rampa para outra caverna, cheia de manequins sem rosto de *hijab* e enormes faixas de seda preta dobradas e dispostas em inúmeras pilhas quadradas por longas prateleiras. Ela correu sem nenhum plano em torno das prateleiras com tecidos, lenços e vestidos bordados e depois de volta para a rua e de volta rampa abaixo para o pet shop, onde de imediato avistou os dois, sentados no chão nos fundos da loja diante de gaiolas de coelhos.

Caiu de joelhos e os agarrou com as duas mãos. Beijou o rosto deles de cima a baixo, uma oferta que eles aceitaram sem fazer comentários.

“Você comeria um coelho?”, perguntou Naomi.

“Como?”

“Você já comeu coelho alguma vez na vida?”

“Não... quero dizer, as pessoas comem. Eu não. Espera — é o meu celular. Vocês não deveriam sumir desse jeito. Me deram o maior susto.”

“Por que você não come coelhos?”

“Querida, eu não sei, só nunca quis comer. Deixa eu atender isso aqui. Alô?”

“Você come porco, galinha, carneiro. E peixe.”

“Você tem razão — realmente não faz sentido. Alô? Quem é?”

Michel. Ela pôde perceber na hora que ele estava muito angustiado. Ela se ergueu e se afastou alguns passos das crianças, erguendo um dedo para dizer aos dois que deveriam ficar onde estavam.

“Ela está deitada lá fora no sol”, disse Michel. “Se recusa a falar. Não sei mais o que fazer. Por que ela me odeia?”

Natalie tentou acalmá-lo. Ela se colocou no papel de Frank: estabelecer uma cronologia. Mas nada fazia sentido. Alguma coisa sobre a farmácia. Fotografias.

“Não estou entendendo”, disse Natalie Blake, um pouco impaciente.

“Então eu perguntei pra ela: qual é o problema? Qual é o problema realmente? Ela disse: ‘Olhe a caixa na gaveta’. Então eu olhei.”

“E o que era?”, perguntou Natalie, sentindo que na verdade estava se extraindo até a última gota de drama desnecessário da história. Ela estava ansiosa para voltar aos filhos.

“Pílulas. A gente está tentando já faz um ano! Não sei se ela esteve tomando esse tempo todo. As caixas estão no seu nome. Você deu as pílulas pra ela, Natalie? Por que você faria isso comigo? Mas que porra, cara!”

Os filhos de Natalie agora ficaram do seu lado e cada um pegou uma perna e começou a puxar, enquanto Natalie se defendia da imputação de colaboração. Normalmente todas as suas energias estariam voltadas para a defesa — ela fora treinada nisso —, mas enquanto falava sua mente viajou para o que pareceu ser um campo aberto, onde foi capaz de quase imaginar algo

parecido com a dor de seu amigo e, ao imaginá-la, recriar uma versão dela em si mesma.

“Eu realmente sinto muito.”

“Por que ela mente pra mim? Ela não é mais a mesma. Ela me disse que começou a orar. Ela não é mais a mesma. Desde que Olive morreu ela não é mais a mesma.”

“Não, ela é. Ela ainda é Leah.”

“Por que ela me odeia?”

“Mãe — vamos, mãe. Agora! Vamos!”

“Leah te ama. Ela sempre amou. Só não quer ter um bebê.” Lucidez. Brilhante, ofuscante, livre de juízo, impossível de contemplar por mais do que um momento, e logo transfigurada em alguma outra coisa. Ainda assim, por um momento ela esteve lá.

“Venha, por favor.”

Os três estavam sentados no ponto de ônibus em frente à Poundland, esperando o noventa e oito. Uma senhora na casa dos setenta, com uma atraente faixa branca em seu cabelo preto, explicava como tinha escapado da revolução com um Yorkshire terrier na bolsa de mão, num avião fretado pelo próprio xá. Não este terrier, mas o antepenúltimo. Mas em certo sentido só fui me tornar uma boa muçulmana de fato quando vim para Kilburn. Foi aqui que eu realmente me tornei muito santa. Eu achava que cachorros fosse *haraam*, disse Natalie. Não o meu. Mindy-Lou é um presente de Deus. Deixe ela dar uma lambida nos seus filhos. É uma benção disfarçada.

Chegou o ônibus. Natalie ficou sentada com a testa batendo contra o vidro. A Cock Tavern. McDonald's. A velha Woolworths. A casa de apostas. O State Empire. Willesden Lane. O cemitério. Quem foi que disse que estas eram coordenadas fixas às quais ela tinha de ser eternamente fiel? Como poderia ludibriá-las? A liberdade era absoluta e estava por toda parte, constantemente mudando de lugar. Você não podia esperar encontrá-la apenas nos velhos e conhecidos lugares. Assim como não podia forçar outras pessoas a tirar a roupa e dá-la a você como um presente. Lucidez! E quando percebi que Mindy-Lou podia na verdade falar comigo através da minha mente, bem, então eu realmente tive um momento, como num livro de histórias ou num

filme, e eu soube que sempre seria cuidada e amada por todos que conhecesse até o fim. Certo, disse Natalie, erguendo Naomi e manobrando o carrinho até a porta. Bom falar com você. A gente salta aqui.

Na porta, Michel pegou a mão de Natalie e a guiou pelo corredor, pela cozinha e através do gramado, como se aquilo fosse uma expedição e ela não fosse conseguir encontrar o caminho sem ele. “Talvez eu deva arranjar outro cachorro. Não sei o que ela quer.” Ele estava desolado. Que homem querido. Natalie pôs uma mão na testa para se proteger do sol de agosto. Ela avistou Leah deitada na rede do jardim, totalmente exposta. Aqui ela tinha ficado por várias horas, recusando-se a falar. Natalie tinha sido trazida para uma consulta de emergência. Ela tentou se aproximar silenciosamente com os filhos, mas eles estavam se arrastando pendurados nela, ambos com muito calor e aos berros, atrasando-a. Michel ofereceu-se para levá-los à cozinha. Eles se agarraram a ela. “Talvez se você encher estes aqui”, disse Natalie, estendendo a Michel dois recipientes de plástico. “Crianças, vão. Vão com Michel.” Ela se sentou num banco de frente para a rede e falou o nome de sua boa amiga. Nada. Perguntou a Leah qual era o problema. Nada. Ela tirou as sandálias e pôs os pés nus na grama. Com o que restara da lucidez, ofereceu à sua amiga uma seleção de aforismos, axiomas e provérbios cujo verdadeiro sentido só podia supor com base em sua circulação comum, do jeito que uma pessoa coloca sua fé no valor de notas de dinheiro. A honestidade é sempre o melhor caminho. O amor vence tudo. Cada louco com sua mania.

Ela falou e Leah não a impediu, mas Natalie estava perdendo tempo. Estava violando aquela lei feminina que afirma que nenhuma fraqueza pode ser demonstrada por uma mulher a outra mulher sem que um sacrifício de igual valor seja feito em troca. Até que Natalie pagasse, na forma de uma história recém-criada, de preferência íntima, com sorte secreta, nada lhe seria dito em troca, nem sua boa amiga Leah Hanwell daria ouvidos a qualquer conselho.

“Leah”, gritou Natalie Blake, “Leah. Estou falando com você! Leah!”

Ela ouviu Spike chorando; ele estava correndo na direção dela, tinta prata escorrendo pelo rosto, e logo ele estava em cima dela, e ela o pegou e tentou escutar e entender a injustiça que ele acreditava ter sido cometida com

ele. Leah virou a cabeça para Natalie muito lentamente. Spike estava deitado no colo da mãe. O nariz de Leah estava queimado e descascando.

“Olhe só pra você”, disse Leah. “Mãe e filho. Olhe só pra você. Você parece a porra da Madona.”

Um filho. Filhos. Não bebês, não uma coisa a ser meramente administrada por um tempo. Lindos, incompreensíveis, e não seus braços ou suas pernas ou qualquer outra extensão dela. Natalie apertou Spike contra si com tanta força que ele começou a reclamar. Era o conhecimento como uma espécie sublime de presente, inadvertidamente dado. Ela queria dar à sua amiga algo de igual valor em troca. Se a franqueza fosse uma coisa no mundo que uma pessoa pudesse possuir e reter, se ela fosse um objeto, talvez Natalie Blake tivesse percebido que o presente perfeito neste momento era uma descrição honesta de suas próprias dificuldades e ambivalências, claramente apresentadas, sem disfarces, enfeites ou floreios. Mas o instinto de autodefesa de Natalie, de autopreservação, era simplesmente forte demais.

“Não vou me desculpar pelas minhas escolhas”, disse ela.

“Ah, meu Deus, Nat, quem está pedindo isso de você? Vamos deixar pra lá. Não quero discutir com você.”

“Ninguém está discutindo. Estou tentando entender o que realmente há de errado com você. Não acredito que esteja sentada aqui flertando com câncer de pele porque não quer ter um bebê.”

Leah se virou na rede e ficou de costas para Natalie.

“Eu só não entendo por que tenho esta vida”, ela disse, baixinho.

“Como?”

“Você, eu, todos nós. Por que aquela garota e não nós. Por que aquele pobre coitado na Albert Road. Não faz sentido para mim.”

Natalie franziu a testa e cruzou os braços sobre o corpo. Ela estava esperando uma pergunta mais difícil.

“Porque nós trabalhamos mais duro”, disse ela, apoiando a cabeça no encosto do banco para contemplar o céu aberto. “Éramos mais espertas e sabíamos que não queríamos acabar mendigando na porta de outras pessoas. Queríamos sair. Pessoas como Bogle — elas não quiseram o suficiente. Me desculpe se você acha essa resposta feia, Lee, mas é a verdade. Esta é uma das

coisas que você aprende num tribunal: as pessoas geralmente recebem o que merecem. Sabe, uma das vantagens de ter filhos é que não sobra muito tempo pra deitar em redes se deprimindo com esse tipo de pergunta abstrata. Na minha visão você está bem. Você tem um marido que você ama e que te ama — e ele não vai parar de fazer isso se você simplesmente lhe disser a verdade sobre o que está sentindo. Você tem um emprego, amigos, família, um lugar para”, disse Natalie, continuando com sua brilhante lista, mas a essa altura ela tinha se tornado automática, autorreferencial, e o seu único pensamento verdadeiro estava em Frank e no quanto ela queria falar com ele.

“Vamos falar sobre outra coisa”, disse Leah Hanwell.

Michel atravessou o gramado com Naomi, trazendo uma bandeja de bebidas, dois copos com tampa e uma garrafa de vinho branco com taças.

“Ela fala?”, perguntou ele.

“Ela fala”, disse Leah.

Michel serviu o vinho para os adultos.

“Por favor”, disse Leah, aceitando uma taça, “não quero fazer isso na frente das crianças. Vamos falar sobre outra coisa.”

“Acho que eu sei o que aconteceu na Albert Road”, disse Natalie Blake.

Primeiro eles mandaram um e-mail. Um site da polícia para denúncias anônimas. Mas isso foi anticlímax, pouco satisfatório, e depois de o fazerem ficaram encarando a tela, sentindo-se desapontados. Decidiram fazer a ligação para a delegacia de polícia de Kilburn.

“No mínimo”, disse Leah Hanwell, que parecia cheia de uma nova energia, “Nathan Bogle é uma pessoa de interesse. Com base no que você disse. E considerando o que a gente já sabia. Sobre o caráter dele. No mínimo ele é uma pessoa de interesse.”

Certamente uma pessoa de interesse.

“Você tem razão”, disse Natalie Blake. “É a coisa certa a fazer”, e alguns minutos depois, enquanto eles mais uma vez repassavam as partes discrepantes da história, Leah disse a mesma coisa para Natalie.

Pelas portas de vidro eles observaram as crianças girando no gramado. Leah encontrou o número on-line. Natalie ligou. Foi Keisha quem falou tudo. Com exceção do fato de ela ter tirado o celular do próprio bolso, todo o pro-

cesso a lembrou muito daquelas ligações que as duas boas amigas costumavam fazer para os garotos de que gostavam, no passado, e sempre num estado de espírito ligeiramente histérico, duas cabeças pressionadas contra um fone.

“Tenho uma coisa para te dizer”, disse Keisha Blake, disfarçando a voz com sua própria voz.

Agradecimentos

Por criarem o tempo: Mariya Shopova, Sharon Singh, Seeta Oosman, Liberdade©, Autocontrole©.

Por criar a autora: Yvonne Bailey-Smith.

Por lerem o livro: Simon Prosser, Georgia Garrett, Ann Godoff, Sarah Manguso, Gemma Sieff, Hilton Als, Tamara Barnett-Herrin, Devorah Baum, Sarah Kellas, Darryl Pinckney, Sarah Woolley, Daniel Kehlmann, Anelise Chen, Josh Appignanesi.

Por serem locais: Jim Ford, Len Snow.

Por conhecerem a lei: Alison Macdonald, Matthew Ryder.

Por inspiração: *The Black House*, de Colin Jones, um modelo para a “Casa Garvey”.

Por ser uma amiga ideal: Sarah Kellas.

Por tudo isso e muito mais, por tudo: Nick Laird. Obrigada.

Autorizações

O editor agradece a autorização para reproduzir os seguintes trechos:

“Welcome to Jamrock”, letra e música de Ini Kamoze, Damian Marley & Stephen Marley © Copyright 2005 Ixat Music Incorporated/Universal Songs of Polygram Incorporated/Biddah Muzik Inc./Universal Music Publishing Limited/EMI Music Publishing Limited/Universal Music Publishing MGB Limited. Todos os direitos reservados. Protegida pelas leis internacionais de copyright. Usada com permissão de Music Sales Limited.

“You Really Got Me”, letras e música de Ray Davies © 1964 Edward Kassner Music Co. Ltd. For the World. Usada com permissão. Todos os direitos reservados.

“Village Green Preservation Society”, letra e música de Ray Davies © Davray Music Ltd. & Carlin Music Corp. Londres NW 1 8BD. Todos os direitos reservados.

“Willesden Green”, letra e música de Raymond Douglas Davies © 1971. Reproduzida com permissão de EMI Music Publishing Ltda, Londres W8 5sw.

“If I Ruled the World (Imagine That)”, de Nas, Allan Felder, David Reeves, Kurt Walker, Jean Olivier, Jean O’Bryant, Samuel Barnes, Normal Harris © Universal Music Publishing Limited/Warner Chappel/Chrysalis

One Pub/International Music Network. Usada com permissão de Music Sales Limited.

Todos os esforços foram feitos para identificar os detentores de direitos autorais e obter sua autorização para o uso de material protegido. O editor pede desculpas por quaisquer erros ou omissões e agradece se for notificado por eventuais correções que devam ser incorporadas a futuras edições deste livro.

ESTA OBRA FOI COMPOSTA EM ELECTRA PELO ESTÚDIO O.L.M./ FLAVIO PERALTA
E IMPRESSA EM OFSETE PELA PROL EDITORA GRÁFICA SOBRE PAPEL PÓLEN SOFT
DA SUZANO PAPEL E CELULOSE PARA A EDITORA SCHWARCZ EM ABRIL DE 2014